

Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância / creche

**Compreender a (in) disciplina na educação
pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico:
O educador e o professor como promotor
da disciplina na sala**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na
Especialidade Profissional de Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo
do Ensino Básico**

Vanessa Martins Paulino

Orientadora:

Professora Doutora Sónia Seixas

2015, junho

Agradecimentos

Na vida, para que consigamos alcançar os nossos objetivos vários são os caminhos que precisamos de trilhar, e com o terminar deste não posso deixar de agradecer a quem contribuiu para que ele fosse desenvolvido com sucesso.

Em primeiro lugar agradeço à professora doutora Sónia Seixas pela ajuda e disponibilidade prestadas ao longo da elaboração do trabalho.

Agradeço de uma forma sincera às pessoas que se disponibilizaram para me ajudar na concretização deste trabalho final de curso, nomeadamente à professora doutora Teresa Sá.

Agradeço também aos meus pais, irmã, avó e outros familiares próximos por todo o apoio prestado ao longo desta jornada.

E por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu namorado por toda a paciência e por valorizar tudo quanto sou na mais pequena coisa que faço.

Resumo

O presente trabalho foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância – Creche, no âmbito do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este documento encontra-se dividido em duas partes distintas mas que se complementam. A parte I apresenta a caracterização dos estágios de intervenção realizados em educação pré-escolar nos contextos de jardim-de-infância e de creche e do estágio realizado no 1.º ciclo do ensino básico. Também expõe o percurso investigativo e a questão de pesquisa que surgiu ao longo das várias intervenções.

A parte II apresenta uma revisão da literatura e investigação com respetiva análise e conclusão. Com esta investigação pretendeu-se perceber o que é a indisciplina, os fatores associados e as formas como os agentes educativos podem intervir de modo a ajudar a criança a autocontrolar-se e a minimizar esse tipo de comportamentos. No que respeita aos dados da investigação, estes foram recolhidos através da realização de entrevistas a seis profissionais de educação em atividade. Foram colocadas questões iguais a três educadoras de infância e a três professoras do ensino básico. Após a organização e análise dos dados recolhidos foi feita uma comparação com os dados obtidos através da revisão da literatura, chegando-se assim a algumas conclusões.

No final de todo este documento, partilho uma pequena reflexão do percurso desenvolvido ao longo dos três semestres do mestrado.

Palavras-chave: criança; professor/educador; disciplina; autocontrolo.

Abstract – Understand (in)discipline in preschool education and first cycle of basic education: the educator and the teacher how promoter of discipline in the room

This report was developed in the ambit of Supervised Teaching Practice in Childhood Education – Childcare, as part of the Master's degree in Pre-School Education and First Cycle of Basic Education.

This document is divided into two different but complementary parts. The first part presents the characterization of the intervention internships' in preschool education in kindergarten and childcare as also the internship in the context of first cycle of basic education. In this part, we also explain the investigative route and the research question that arose throughout the interventions.

In the second part we present a literature review and research with respective analysis and conclusions. The aim of this investigation is to understand what the indiscipline is, which factors are associated to it and how the educators can interpose in order to help children to control themselves and minimize those behaviors. The data of the investigation was collected by doing interviews to six education professionals in activity. It was made the same questions to three childhood teachers and three teachers of basic education. After organizing and analyzing the data, we made the comparison with the data obtained from the literature review, what allowed us to make some conclusions.

To finalize, we present a reflection about the route developed over the three semesters of the Master's degree.

Keywords: child, teacher/educator, discipline, self-control.

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos..... | i |
| Resumo..... | ii |
| Abstract – Understand (in)discipline in preschool education and first cycle of basic education: the educator and the teacher how promoter of discipline in the room..... | iii |
| Índice..... | iv |
| Introdução..... | 1 |
| Parte I..... | 2 |
| 1. Contextos de estágio..... | 2 |
| 1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância - Jardim de Infância..... | 2 |
| 1.2. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º ano... 10 | |
| 1.3. Prática de Ensino Supervisionada em Creche..... | 14 |
| 2. Percurso de Desenvolvimento Profissional..... | 21 |
| 3. Percurso Investigativo e questão de pesquisa..... | 28 |
| Parte II..... | 31 |
| 1. Metodologia de trabalho adotada..... | 31 |
| 2. Fundamentação teórica..... | 32 |
| 2.1. A abordagem da (in)disciplina..... | 32 |
| 2.2. As regras adequadas não são castigos são facilitadores de aprendizagem.. | 35 |
| 2.3. Um longo percurso a trilhar: da disciplina à autodisciplina..... | 37 |
| 2.4. Fatores a ter em conta quando se fala em indisciplina..... | 37 |
| 2.5. A relação da educação pré-escolar com a indisciplina..... | 39 |
| 2.6. Um olhar sobre possíveis estratégias que podem promover a disciplina..... | 40 |
| 3. Recolha dos dados..... | 46 |
| 3.1. Análise dos dados recolhidos e principais conclusões..... | 46 |
| Considerações Finais..... | 53 |
| Referências Bibliográficas..... | 56 |
| Anexos..... | 58 |

Introdução

O presente relatório de estágio ostenta o resumo do trabalho desenvolvido ao longo dos três semestres do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico, dividindo-se em duas partes.

A primeira parte apresenta os três estágios curriculares desenvolvidos. O primeiro ocorreu no contexto de jardim-de-infância, o segundo no contexto de 1.º ciclo do ensino básico e o terceiro e último estágio decorreu no contexto de creche. Nesta parte é feita uma breve descrição das instituições, caracterização dos grupos e das salas. Também são apresentados os projetos desenvolvidos com cada grupo, algumas atividades implementadas, principais aprendizagens e dificuldades superadas. Por fim, é exposta uma breve reflexão do percurso investigativo e apresentada a questão de pesquisa.

A segunda parte é dedicada ao trabalho de pesquisa na qual exponho a fundamentação teórica, de modo a dar resposta às minhas questões iniciais, nomeadamente o que é a indisciplina; o que pode ser feito para prevenir comportamentos de indisciplina; como ajudar a criança a autocontrolar-se; e qual o contributo da educação pré-escolar na prevenção de situações de indisciplina na educação formal. Ainda nesta parte apresento os instrumentos de recolha de dados. Seguidamente é efetuada uma análise dos dados recolhidos, comparando-os com as conclusões que foram obtidas através da fundamentação teórica.

Por fim, apresento as considerações finais que através de uma breve reflexão descrevem o percurso desenvolvido ao longo dos três semestres.

Parte I

1. Contextos de estágio

Nesta primeira parte irá ser apresentado todo o percurso de estágio desenvolvido ao longo do mestrado nas unidades curriculares de prática de ensino supervisionada em jardim-de-infância, ensino do 1.º ciclo do ensino básico e creche. Esta apresentação sustenta-se através da caracterização dos contextos de estágio, dos grupos e dos projetos desenvolvidos com os mesmos.

Todos os estágios tiveram a duração de dez semanas, sendo que a primeira era de observação, a segunda de intervenção partilhada e as oito seguintes de intervenção alternada entre os dois estagiários. Os estágios foram desenvolvidos a pares, sendo que um elemento era designado como estagiário A e o outro como estagiário B.

O primeiro estágio foi desenvolvido em contexto de jardim-de-infância entre os meses de outubro de 2013 e janeiro de 2014.

O segundo estágio decorreu no contexto de 1.º ciclo, entre os meses de março e maio de 2014.

O terceiro e último estágio teve lugar no contexto de creche, entre o mês de outubro de 2014 e o mês de janeiro de 2015.

1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância - Jardim de Infância

O estágio de intervenção em educação pré-escolar foi desenvolvido num Jardim de Infância de cariz público. Tratava-se de um estabelecimento que abrangia a educação pré-escolar e o ensino do 1.º ciclo do ensino básico.

A Instituição era constituída por duas valências: Jardim de Infância, com duas salas, que acolhiam crianças dos 3 aos 6 anos de idade, e 1º Ciclo do Ensino Básico, que possuía várias turmas desde o 1.º ao 4.º ano de escolaridade.

As turmas eram mistas, tanto no Jardim de Infância como no 1º Ciclo.

A escola e jardim-de-infância regiam-se por um Projeto Educativo comum a todo o Agrupamento, com a função de garantir o bem-estar e o futuro de todos os alunos.

Deste modo, preocupava-se em construir uma educação para todos, que se destacasse por uma diferenciação pedagógica. Pretendia desenvolver uma mudança nas práticas de gestão curricular, de modo a assegurar a aprendizagem de todos os alunos e ainda formar cidadãos responsáveis e solidários, no sentido do progresso pessoal e coletivo.

A Escola Básica do 1.º Ciclo e o Jardim de Infância abrangiam uma população diversificada a nível económico, cultural e religioso, uma vez que estava inserida num núcleo com população de etnia cigana, estrangeiros, tanto do meio rural como do meio urbano, seniores e juvenis cujas qualificações e literacia revelavam níveis discrepantes, ainda que maioritariamente baixos.

Este estabelecimento tinha a missão de disponibilizar uma oferta aprazível de trajetos escolares. Atestando em simultâneo a coordenação e o planeamento de atividades pedagógicas de obtenção de conhecimentos e desenvolvimento global da personalidade, com o intuito de formar cidadãos participativos e conhecedores dos valores morais e cívicos, promotores de bem-estar.

O edifício da Escola e Jardim de Infância era constituído por dois pisos. No 1.º piso encontravam-se duas salas de jardim-de-infância, uma sala para as atividades de componente de apoio à família, uma sala de aula de 1.º ciclo, o recreio, um grande hall central, o refeitório, a cozinha, uma sala de apoio ao refeitório, a sala de pessoal não docente, as casas de banho do jardim-de-infância, bem como de pessoal docente e não docente.

No 2.º piso existia a entrada para a escola/jardim-de-infância, a receção, a biblioteca, o ginásio coberto, casas de banho para funcionários, pessoal docente e alunos, a sala de professores/educadores, cinco salas de aula para o 1.º ciclo, uma sala de recursos educativos de pré-escolar e 1.º ciclo e uma sala de apoio a crianças com Necessidades Educativas Especiais.

A acessibilidade de um piso ao outro era feita por escadas ou elevador. O edifício encontrava-se bem cuidado, decorado e com paredes com cores apelativas.

A sala de jardim-de-infância onde desenvolvi o estágio de intervenção acolhia um grupo de crianças de diferentes idades. Estava organizada em diferentes áreas, tais como: jogos de chão; computador; biblioteca; desenho, recorte e colagem; pintura; modelagem; jogos de mesa; casinha e fantocheiro.

A sala era espaçosa e bastante rica em materiais educativos. Possuía também uma excelente luminosidade por ter grandes e diversas janelas. De uma maneira geral, o

equipamento, necessário para o desenvolvimento das atividades, estava sempre ao alcance das crianças, bem visível/identificado (de modo a que estas o pudessem encontrar facilmente), encontrando-se na respetiva área. Para além disto, todo este equipamento tinha um espaço definido para a sua arrumação (privilegiando-se este aspeto), sendo adequado e suficiente para cada atividade.

Uma estratégia implementada na sala e a qual contribuía para o bom funcionamento e organização do grupo era o facto de haver um símbolo (círculo de um lado verde e do outro vermelho) para representar se estava alguma criança na casa de banho ou não, sendo que só poderia ir uma de cada vez. Assim sendo, quando o círculo estava verde significava que a criança podia ir à casa de banho porque não estava lá ninguém; quando estava vermelho significava que não podia. Era a própria criança que virava o círculo conforme a situação.

Era igualmente vantajoso existir na sala um quadro interativo, pois o grupo gostava bastante de novas tecnologias e através deste recurso podiam jogar jogos interativos, ouvir histórias e ver vídeos.

No que respeita ao grupo, este era constituído por vinte e duas crianças, dezasseis do sexo masculino e seis do sexo feminino com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade.

Neste grupo de crianças existia um educando com Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente perturbação do desenvolvimento da coordenação motora e perturbação específica da aquisição da linguagem de tipo expressivo. Esta criança estava bem integrada no grupo, participava em todas as atividades, nos momentos de brincadeira livre interagia, partilhava e comunicava com as restantes crianças.

De um modo geral, tratava-se de um grupo que apreciava temas ligados à natureza, à pintura e à televisão. Gostavam também dos super-heróis, dos animais (por exemplo, conhecer o interior do corpo destes), da área da ciência, de história e de magia. Eram crianças interessadas, muito participativas, curiosas e sociáveis.

Tendo em conta o grupo de crianças e as suas necessidades foi desenvolvido um projeto intitulado “A Natureza”. O projeto foi organizado tendo em conta algumas regras e fundamentos de alguns autores: Segundo a conceção apresentada na obra “*Trabalho por projetos na Educação de Infância*”, da autoria de Vasconcelos et al. (2011), cabe ao educador proporcionar experiências diversificadas, de modo a fomentar a motivação da criança, fazendo com que ela própria seja um agente ativo na construção do seu processo de aprendizagem. O trabalho de projeto implica

articulação entre diversas áreas de conteúdo, pois a aprendizagem não pode limitar-se apenas à obtenção de determinados saberes, devendo ocorrer de modo integrado.

Ainda de acordo com esta mesma obra, um projeto divide-se em quatro fases (que, por sua vez, nortearam a elaboração do projeto de estágio desenvolvido), nomeadamente:

- 1.ª Fase: Definição do problema – decide-se o problema ou os aspetos a investigar, tendo em conta os conhecimentos que as crianças têm e não têm sobre determinada temática;
- 2ª Fase: Planificação e desenvolvimento do trabalho – elabora-se uma antecipação de possíveis desenvolvimentos do projeto de acordo com os objetivos pretendidos. Estipula-se o que se vai fazer, por onde iniciar, como fazer, distribuem-se tarefas, estruturam-se os dias de intervenção, selecionam-se materiais, definem-se os intervenientes;
- 3.ª Fase: Execução – As crianças entram em ação, executando as atividades planificadas por outrem;
- 4.ª Fase: Divulgação/Avaliação – Expõem-se os conhecimentos apreendidos, avalia-se o trabalho desenvolvido (tanto por parte das crianças, como do educador), a intervenção dos vários participantes, a qualidade das atividades realizadas, as capacidades adquiridas pelas crianças. Poderão aparecer novas ideias e projetos.

A escolha deste tema, *A Natureza*, para o projeto justificava-se por diversos aspetos. Primeiramente, através de uma conversa informal na área da casinha, existiu a percepção de que as crianças que lá se encontravam não sabiam de onde provinham os ovos. Entretanto, já na segunda semana de estágio, houve uma visita de estudo à Quinta do Arrife, que serviu como ponto de motivação para o tema, na qual existiu a clara evidência que o grupo de crianças possuía conhecimentos muito escassos no âmbito do mundo natural (por exemplo não identificaram uma espiga, chamaram cavalo a um burro,...) e da qual as crianças gostaram muito, mostrando-se interessadas em fazer a visita outra vez. Por outro lado, quando a educadora leu uma história sobre animais de uma quinta foi notório que as crianças não sabiam como se chamavam os filhos de alguns animais e/ou quais os progenitores de uma determinada cria. Através de uma conversa informal com a educadora acerca dos interesses do grupo de crianças, chegou-se à conclusão que gostavam de assuntos ligados à natureza, bem como de saber mais sobre os animais.

Para além do que já foi referido, também o facto de todas as crianças, viverem em meios urbanos justifica esta escolha, visto que, deste modo as suas vivências diretas com o mundo natural, provavelmente, seriam poucas. Importa ainda referir que a educadora informou-nos de que a área de conteúdo que tinha trabalhado menos com as crianças era a de Conhecimento do Mundo. Por fim, é de salientar que a escola/jardim-de-infância era uma eco escola, logo ainda fez mais sentido abordar esta temática de modo a dar continuidade a uma filosofia desta instituição, envolvendo as crianças na mesma.

Este projeto orientou-se por algumas finalidades, nomeadamente:

- Ter consciência da importância do meio ambiente;
- Adquirir hábitos de cuidado e preservação do meio ambiente;
- Reconhecer a ação do homem na transformação do meio ambiente, principalmente no que diz respeito à natureza e sua preservação;
- Conhecer as causas da poluição e degradação da natureza;
- Obter conhecimentos acerca da fauna e da flora;
- Conhecer algumas profissões relacionadas com a preservação da natureza;
- Identificar características da estação do ano do Outono;
- Contactar com a Natureza;
- Observar o nascer e o desenvolvimento das sementes;
- Desenvolver a capacidade de atenção e observação

A avaliação foi feita através de:

- Observação direta das crianças, com registo no diário de bordo (envolvimento, interesse pelas atividades e conhecimentos adquiridos);
- Produção de registos fotográficos das crianças e/ou das situações;
- Análise das produções das crianças;
- Grelhas de observação.

Por fim, a divulgação do projeto foi feita através da exposição de alguns dos trabalhos feitos pelas crianças, no âmbito do projeto, num placar junto à sala e da entrega de um CD a cada criança/ encarregado de educação com fotografias e vídeos de todas as atividades desenvolvidas ao longo das dez semanas de estágio.

De modo a concretizar o projeto da melhor forma, foram implementadas diversas atividades que abrangeram todas as áreas de conteúdo.

Relativamente à área de conhecimento do mundo, foram contadas histórias às crianças relacionadas com a temática da Natureza, trabalhando-se igualmente o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. A partir destas, foi trabalhada a estação do outono e as regras de preservação da natureza (que se articularam com a área de formação pessoal e social). Neste sentido foi desenvolvida uma atividade intitulada “Ambiente: o certo e o errado”, onde foi afixado no quadro magnético um cartaz com uma imagem com espaços verdes degradados e não degradados e as crianças em cima de cada imagem tinham de colar uma bola ou vermelha para os espaços degradados ou verde para os espaços que estavam preservados. Esta atividade correu muito bem porque as crianças envolveram-se totalmente, dialogaram muito sobre a imagem, conseguiram identificar ambas as situações e após este momento a imagem foi afixada num espaço da sala e as crianças procuravam ir para lá e encontrar novamente os diferentes tipos de situações. Concluiu-se assim que as crianças já conseguiam identificar os aspetos de preservação da natureza e através do diálogo foram apresentando formas e gestos que podiam ter diariamente para o preservar.

Ainda de acordo com a mesma temática foi trabalhado o tema dos animais, que acabou por se relacionar também com o domínio de expressão dramática (através de um jogo de mímica de imitação dos mesmos e da exploração de sombras chinesas), com o domínio de linguagem oral e abordagem à escrita (através de um jogo que envolveu a reprodução do nome de animais, associados à sua imagem, com a colocação das respetivas letras no quadro magnético) e com o domínio da matemática (a partir da associação da quantidade de animais ao seu algarismo).

Ainda dentro desta área, fez-se um passeio a um espaço verde, e a partir deste foram trabalhadas as profissões relacionadas com a natureza e os elementos constituintes de uma árvore. Partiu-se então para uma abordagem ao pinheiro que se articulou com a temática do natal. O domínio da expressão plástica foi trabalhado através da elaboração de motivos de natal. Incluído neste domínio realizaram-se e decoraram-se objetos para a feira de outono bem como se fez a construção de instrumentos musicais.

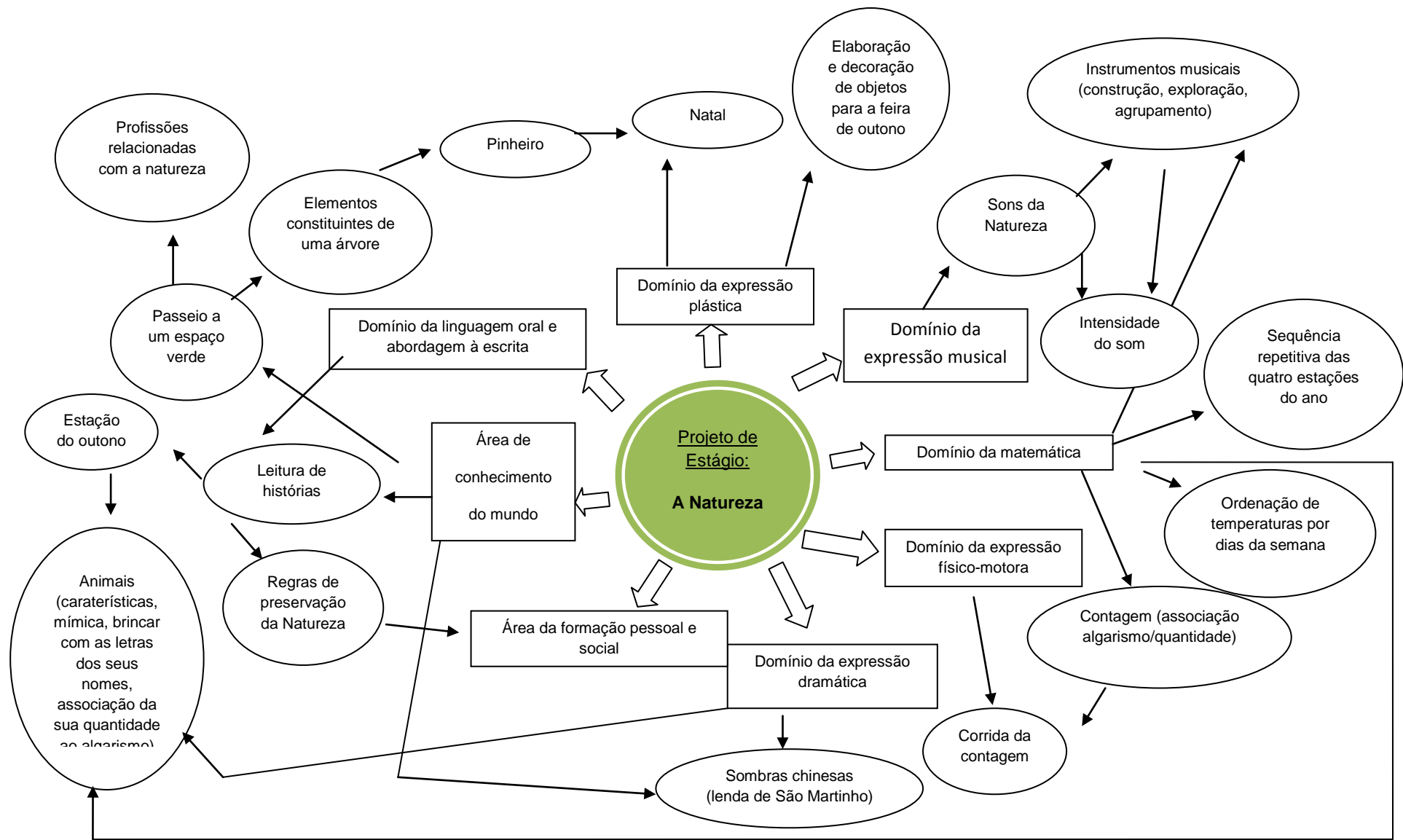
Quanto ao domínio da expressão musical, trabalharam-se os sons da natureza sendo que ligada a estes esteve a abordagem à intensidade do som e a exploração de instrumentos musicais. No domínio da matemática, para além do que já foi referido, fez-se uma sequência repetitiva das quatro estações do ano (articulação com o conhecimento do mundo). Outra atividade foi um jogo de contagem, que envolvia a

associação algarismo/quantidade. A partir desta tarefa, foi realizado o jogo “corrida da contagem” que, mais uma vez envolveu esta associação e pressupôs também o exercício físico, articulando-se assim com o domínio da expressão físico-motora. Nesta atividade as crianças trabalharam em equipa, fizeram um percurso motor, obtiveram resultados com o seu trabalho. Esta atividade consistia em adquirir o maior número de rebuçados, tentando tirá-los ao guarda dos rebuçados que se encontrava no centro da sala com rebuçados no chão, dentro de um arco. Por fim, em grande grupo, as crianças contaram os rebuçados que tinham conseguido adquirir.

Através da observação das quantidades de rebuçados que cada grupo tinha e seguidamente recorrendo à contagem, as crianças perceberam qual a equipa que tinha ganho. Destaco esta atividade porque para além de ter corrido bem no que respeita ao que foi referido anteriormente, tornou-se complicado gerir o grupo todo. Senti dificuldade em fazer com que as crianças respeitassem as regras do jogo, pois cada criança só podia apanhar dois rebuçados de cada vez e as pequenas traziam logo muitos e depois chateavam-se por ter que os devolver. Contudo, esta situação acabou por ser resolvida, os elementos mais velhos do grupo pediam aos mais novos para não fazerem batota porque depois podiam perder o jogo e assim a situação foi-se controlando.

Por fim, a área de formação pessoal e social para além do que já foi referido encontrou-se ainda presente na exploração da lenda de São Martinho, pelos valores que a mesma veicula e que foram explorados. (Estas atividades podem ser melhor visualizadas através da planificação em teia que se segue).

Para terminar, os objetivos foram alcançados e as crianças conseguiram perceber a importância da preservação do ambiente, por exemplo através da facilidade com que construíram o livro de regras de preservação da natureza. Contactaram com a natureza, onde mexeram, cheiraram, exploraram e obtiveram diversos conhecimentos através das atividades implementadas.



1.2. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º ano

O estágio de intervenção referente ao 1.º ciclo foi desenvolvido numa escola básica situada na cidade de Santarém. O meio próximo era constituído essencialmente por moradias, rodeadas de espaços verdes.

A escola era um edifício antigo, pois funcionava desde 1892, sendo pertencente à rede pública. Ocupava uma área pequena, possuindo um espaço exterior vedado com uma zona de recreio (envolvendo todo o edifício), que incluía um campo de futebol, um pequeno parque infantil com piso de segurança e uma zona de terra batida. Neste espaço existia também um refeitório e ainda uma zona coberta onde se encontravam as instalações sanitárias, separadas por sexos. Era evidente a necessidade de criar um pavilhão coberto, devidamente equipado, de forma que as crianças pudessem usufruir do mesmo quando o tempo não permitisse desenvolver determinadas atividades na rua.

O edifício apresentava uma porta principal que dava acesso às seis salas desta escola. O espaço interior era composto por rés-do-chão e primeiro andar, sendo que no rés-do-chão se encontravam a funcionar quatro salas de aula e no 1.º andar duas salas. Neste último, existia também um hall que funcionava como espaço de biblioteca e de apoio educativo.

Todas as salas possuíam uma boa luminosidade, ar condicionado, quadro interativo, computador, rádio, televisão, quadro de giz, placards e equipamentos de arrumação.

No geral, a escola tinha as condições necessárias ao processo ensino-aprendizagem, dispondo de alguns recursos pedagógico-didáticos em cada sala.

A sala de aula onde desenvolvi o estágio de intervenção tinha uma boa luminosidade natural, alguns materiais manipuláveis, essenciais para a exemplificação de determinados temas, bons recursos informáticos, e espaços de arrumações de materiais ao alcance das crianças. Contudo, para um grupo de 26 crianças era uma sala pouco espaçosa tornando-se difícil a mudança de disposição das mesas e cadeiras sempre que era necessário, principalmente para a realização de trabalhos em grupo.

No que respeita à turma na qual intervimos, tratava-se de um grupo de crianças a frequentar o 1.º ano de escolaridade. A turma era constituída por 26 alunos, sendo catorze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Existiam dois alunos com português língua não materna, mas que já dominavam bem a Língua Portuguesa. Não existiam crianças com Necessidades Educativas Especiais. A amplitude de idades dos alunos variava entre os seis e os sete anos. Todos os alunos frequentaram o Jardim de Infância.

No geral, era uma turma interessada por aprender e com uma boa “bagagem” de conhecimentos prévios, sendo que os alunos que a constituíam possuíam vivências enriquecedoras e estimulantes.

Ainda relativamente à turma, importa destacar que nela se encontravam ritmos muito diferentes de aprendizagem, notando-se uma resistência relativa ao cumprimento de regras. Algumas crianças manifestavam dificuldades ao nível da motricidade fina e da preensão do lápis, bem como falta de concentração na realização das tarefas. Contudo, é relevante referir que estas são dificuldades próprias da idade, do nível de desenvolvimento, mas que é importante ter em atenção, de modo a levar as crianças a ultrapassá-las. Para além disto, os alunos desta turma apresentavam uma boa comunicação oral, mostrando-se sempre muito participativos e utilizando um vocabulário adequado.

Era um grupo com muitas capacidades, existiam crianças que retinham muito bem a informação e em todas as áreas curriculares tinham resultados excelentes sem falhas. Uma turma trabalhadora, com muito gosto por aprender. Gostavam de atividades inovadoras e que lhes proporcionassem sensações novas. Eram muito competitivos, o que nesta turma era algo vantajoso porque assim empenhavam-se diariamente para fazer mais e melhor.

As atividades desenvolvidas para além de seguirem os planos curriculares tiveram em vista a articulação multidisciplinar e as necessidades e gostos do grupo.

O trabalho de grupo foi bastante valorizado e explorado, nomeadamente em atividades mais práticas. Por exemplo quando foi trabalhada a história “A Girafa que comia Estrelas” trabalhou-se para além do português, a expressão plástica e a educação para a cidadania. Inicialmente as crianças identificaram os elementos para-textuais e anteciparam conteúdos com base na observação da ilustração da capa. Em seguida, a história foi apresentada através do quadro interativo e as crianças responderam a questões por escrito relativas à história. No dia seguinte, em pequenos grupos representaram e ilustraram quatro partes importantes da história, de modo a construir-

se um livro para a turma. Antes de iniciarem a tarefa tiveram que definir o que iam fazer e quais os materiais que iam utilizar, só depois dessa decisão tomada em consenso é que puderam ir buscar os materiais necessários. Esta atividade correu muito bem porque as crianças tiveram espaço para conversar, decidir, organizar-se e fazer um trabalho em equipa, alcançando os objetivos desejados. Para além disso, com os diversos trabalhos em grupo que foram sendo realizados fui conseguindo encontrar estratégias de funcionamento. Por exemplo, cada grupo tinha um número reduzido de elementos para conseguirem mais facilmente chegar a um consenso. Optei por esta estratégia porque se os grupos fossem muito grandes tornava-se mais complicado todas as crianças dialogarem e conseguirem chegar a um consenso, isto porque ainda estavam a aprender a trabalhar em grupo.

Procurei também que todos os grupos ficassem o mais à frente possível, junto à minha mesa de trabalho, para que eu me conseguisse deslocar em curtos espaços, conseguindo assim auxiliar mais facilmente e mais rapidamente cada grupo. Optei ainda por não dar todas as informações de uma vez, para que as crianças não se baralhassem e conseguissem organizar os seus trabalhos por etapas, o que ajudava a que não desmotivassem.

Fazendo um balanço do estágio desenvolvido em primeiro ciclo considero que as crianças demonstraram evoluções. As mais significativas foram ao nível da leitura, no português. Por exemplo, quando as crianças tinham de ler um texto este era projetado no quadro interativo e eram utilizadas algumas estratégias para as ajudar na leitura. Nomeadamente, com uma caneta de cor dividia a palavra por sílabas, de modo a que as crianças percebessem que nesta fase inicial para conseguirem decifrar o código escrito tornava-se mais fácil dividir a palavra por sílabas, pois nenhuma criança lia através do método global. Quando as crianças se apoderaram da estratégia, começaram elas a dividir a palavra e a ter mais sucesso na decifração do código escrito.

Existiram evoluções ao nível das estratégias de resolução de problemas e na identificação das dezenas e unidades na matemática. Estas evoluções aconteceram porque foram utilizadas formas variadíssimas de resolver os problemas e utilizados diversos materiais manipuláveis assim como foi utilizado o corpo. Por exemplo, para facilitar o reconhecimento de que a medida da distância entre dois pontos, e portanto a medida do comprimento do segmento de reta por eles determinado, pode depender da unidade de comprimento, as crianças utilizaram, uma de cada vez, os seus pés para medir o comprimento da sala. Assim, perceberam facilmente, que conforme o tamanho

do pé de cada um a medida variava. No âmbito do estudo do meio existiram aprendizagens, mas as evoluções não foram tão evidentes, as crianças demonstraram mais facilidade e interesse relativo aos temas desta área. Era um grupo que na sua maioria revelava dificuldades em pintar. Custava-lhes muito pintar por dentro do contorno, então passou-se a reforçar positivamente as crianças que o faziam, mostrando os trabalhos mais perfeitos e reforçando oralmente o bom trabalho. Quanto às crianças que tinham dificuldade, incentivava-se a que agarrassem com mais precisão o lápis e era-lhes dito que continuassem a se esforçar porque para a próxima iam melhorar e o seu trabalho também ia ser apresentado, nunca a criança era envergonhada por não ter concretizado o trabalho devidamente. Este gesto fez com que as crianças começassem a ter mais cuidado com os seus trabalhos e a esforçarem-se mais. Existiram progressos neste sentido.

Senti que o grupo se adaptou bem à minha presença e conseguiu adquirir conhecimentos com as minhas intervenções. Os objetivos estabelecidos na sua grande maioria foram cumpridos. As crianças apresentaram resultados desejáveis nas fichas de avaliação, realizaram atividades no exterior, mostraram-se felizes e foram trabalhadas de formas diversificadas e dinâmicas todas as áreas de conteúdo.

Quanto à minha intervenção, tenho alguns comportamentos que são positivos e facilitadores das aprendizagens. Quando as crianças me colocavam questões que eu entendia serem boas para discussão em grande grupo, normalmente devolvia-as à criança ou ao grupo e discutíamo-las. Considero que assim a criança podia por ela chegar à resposta, mesmo que com a minha ajuda, tornar-se a aprendizagem mais significativa.

Sempre que era introduzido algum conceito novo tentava fazer um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças em relação ao tema e a partir daí então avançar. Quando alguma criança ia ao quadro resolver um exercício, pedia sempre que possível, para dizer como é que o tinha resolvido. De seguida, questionava o grande grupo de modo a perceber se existiam crianças a pensar de outra forma, para também elas poderem expor o seu raciocínio. A avaliação era feita de variadas formas, nomeadamente observação direta, quanto ao interesse, participação, realização de perguntas, respostas dos alunos, visualização dos trabalhos desenvolvidos e fichas de trabalho. A avaliação era muito importante, porque foi através dela que me fui apercebendo em que matéria é que as crianças tinham mais dificuldades e mais facilidades.

Em suma o estágio correu muito bem, refleti, aprendi e fui-me tornado a cada dia, com esforço e dedicação uma melhor estagiária. As crianças apresentaram resultados positivos não só na resolução de exercícios feitos em aula, como também nas fichas de avaliação o que demonstra que o trabalho foi positivo e produtivo. Foi dado, pelos pais e alunos um feedback positivo, quando questionados sobre as minhas intervenções.

1.3. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

O estágio desenvolvido na valência de creche foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social da responsabilidade da diocese de Santarém, recebendo apoios financeiros dos Ministérios da Solidariedade Social e da Educação. Era uma instituição de cariz religioso, católico, sem fins lucrativos, cujo principal objetivo era dar resposta às necessidades sociais da comunidade envolvente através da prática da solidariedade social. Por esta razão, as mensalidades praticadas nas valências de creche e jardim-de-infância iam ao encontro dos rendimentos dos agregados familiares. Esta instituição era composta por duas valências, nomeadamente creche (berçário, sala de 1 ano e sala de 2 anos) e jardim-de-infância (sala de 3 anos, sala de 4 anos e sala de 5 anos).

Neste espaço existia:

- Receção (espaço acolhedor, espaçoso, bem decorado, sempre cuidado, com dois bancos e sempre com a ementa da semana visível);
- Berçário com fraldário (sala espaçosa com diversos materiais adequados às necessidades e características das crianças desta faixa etária);
- Sala de 1 ano com fraldário e arrecadação interior (sala bastante espaçosa, com luminosidade natural e com diversos materiais e brinquedos);
- Refeitório de apoio à sala de 1 ano (Refeitório com duas mesas redondas, cadeiras, “bancos” apropriados às características das crianças, boa luminosidade natural e com uma decoração apelativa);
- Sala de 2 anos com fraldário, WC e arrecadação interior (sala bastante espaçosa, com muita luminosidade natural, mesas, cadeiras, brinquedos disponibilizados nas respetivas áreas correspondentes. No WC existiam 4 sanitas, um fraldário, 3 lavatórios e um polibã);
- Refeitório (com acesso às crianças e funcionários). Comum para as crianças de 2 anos e do jardim-de-infância, bastante espaçoso e bem decorado, com mesas e cadeiras destinadas e organizadas de acordo com cada grupo de

crianças e uma mesa redonda no centro destinada aos funcionários da instituição;

- Cozinha (espaçosa, com boa luminosidade e micro-ondas). Este espaço encontrava-se bem equipado);
- Instalações sanitárias para trabalhadores (com sanitas, lavatórios e armários de arrumação);
- Lavandaria (espaçosa, com excelente luminosidade natural, com máquina de lavar, máquina de secar, estendal e armários de arrumação);
- Sala de pessoal (sala acolhedora, com sofás e máquina de café);
- Sala de reuniões (sala acolhedora, com aquecimento, com um sofá, uma mesa redonda e cadeiras);
- Gabinete da coordenadora pedagógica (gabinete espaçoso, com diversos armários para arrumação de livros, instrumentos musicais, dossiers e outros materiais da instituição). Incluía ainda secretária com computador, máquina fotocopiadora, um sofá e uma mesa redonda com diversas cadeiras. Junto a este gabinete encontrava-se também um espaço de WC com duas sanitas, um lavatório e armários de arrumação para os educadores e auxiliares da instituição);
- Sala de 3 anos com WC e arrecadação interior;
- Sala de 4 anos com WC e arrecadação interior;
- Sala de 5 anos com WC e arrecadação interior;
- Espaço exterior (bastante espaçoso, tendo uma parte com chão sintético, o que permitia uma maior segurança para as crianças poderem brincar e movimentarem-se livremente). O restante espaço era de cimento, tendo ainda duas piscinas e um espaço coberto com um telheiro.

O edifício encontrava-se bem cuidado, com as paredes decoradas, numa boa localização, usufruindo de condições de segurança em todos os seus espaços (cancela de segurança nas salas de creche, vedações). Era uma instituição espaçosa e que, portanto, tinha as condições necessárias de funcionamento, tanto para os educandos, como para os educadores e pessoal não docente. No espaço exterior, não existiam espaços verdes para as crianças brincarem. Outro aspeto que importa realçar é o facto de esta instituição, na generalidade, ter uma excelente luminosidade natural e de se encontrar bem organizada nos vários espaços que possuía. Para além disto, tinha um número de salas suficiente para as crianças que acolhia.

Esta instituição apresentava o projeto intitulado “Educar para os valores”, sendo o seu principal objetivo educar e preparar as crianças para os valores e atitudes de saber respeitar o outro dentro da sociedade.

Na instituição existia o berçário que tinha 11 crianças, com uma responsável de sala e duas ajudantes de ação educativa. A sala de um ano com 16 crianças, 1 educadora e duas ajudantes de ação educativa. A sala de dois anos tinha 19 crianças, 1 educadora e uma ajudante de ação educativa.

A valência de pré-escolar era constituída por 3 salas. A sala dos três anos tinha 20 crianças, a sala dos quatro anos 25 crianças e, por fim, a sala de 5 anos tinha 25 crianças. Em cada sala existia uma educadora e uma ajudante de ação educativa.

Estava também presente mais uma educadora, para dar apoio a todas as salas, sempre que necessário.

Relativamente aos serviços gerais, existia uma cozinheira, uma ajudante de cozinha e quatro de serviços de limpeza e lavanderia.

No que respeita ao horário, estas valências funcionavam das 07:00 às 19:00. Nas salas de creche os encarregados de educação tinham uma maior flexibilidade no horário de deixar os seus educandos na instituição, pois podiam a qualquer hora ir deixá-los diretamente à sala. Na parte de jardim-de-infância os encarregados de educação só podiam dirigir-se à sala com os seus educandos até às 09.30. A partir daí apenas os podiam deixar na receção com um funcionário da instituição que os encaminhava até à respetiva sala. Tratava-se de um horário bastante alargado e flexível às necessidades dos encarregados de educação.

A sala de atividades onde foi desenvolvido o estágio era ampla, possuía uma excelente luminosidade e materiais em boa quantidade e qualidade. Existia um pequeno hall de entrada onde estavam presentes os cabides de cada criança e o instrumento para marcação de presenças. Na sala encontravam-se duas mesas de trabalho, um lavatório, a área da casinha, a área dos livros e um armário com diversos brinquedos. Dentro da sala existiam ainda uma casa de banho (com muda fraldas, sanitas, poliban, lavatórios, cabides individuais e prateleiras individuais) e uma arrecadação (com catres, armário para os lençóis de cada criança, dossiers das crianças e prateleiras de arrumação com diversos materiais lúdicos). A disposição da sala era propícia ao decorrer das atividades pedagógicas e das rotinas, possuindo uma organização adequada, tendo os equipamentos para a criança ao seu nível e disponibilizando bastante espaço livre para as crianças se movimentarem.

No que diz respeito ao grupo de crianças, este era constituído por dezanove elementos, com 2 anos de idade. Era um grupo com dez crianças do sexo feminino e nove do sexo masculino. Não existia nenhuma criança com necessidades educativas especiais. A maioria das crianças provinha de famílias estruturadas. O grupo apresentava especial interesse por canções, livros, instrumentos musicais, área das construções e casinha. Relativamente às suas características é de destacar que eram crianças sociáveis, abertas a novas experiências, bastante interessadas pelo que as rodeava e muito dinâmicas, tentando explorar todos os objetos e espaços à sua volta. Possuíam uma boa autonomia e motivação para explorar e descobrir novos interesses. A nível do desenvolvimento motor conseguiam correr, trepar, saltar demonstrando já algum equilíbrio. Relativamente ao desenvolvimento pessoal e social o grupo conseguia reconhecer e identificar as partes do seu corpo, por vezes brincarem uns com os outros, apesar de, como é normal nesta etapa, nem sempre conseguirem partilhar. Quanto ao desenvolvimento da linguagem oral algumas crianças já construíam frases e quase todas elas demonstram vontade de falar. Por fim, no que respeita ao pensamento lógico-matemático foi observável que as crianças conseguiam fazer seriações simples e algumas já possuíam o conceito de cheio e vazio.

De acordo com as características do grupo foi desenvolvido ao longo do estágio um projeto intitulado "*Uma descoberta guiada pelo mundo*". Este tinha como resultados desejáveis assegurar que as crianças continuassem a permanecer num clima de bem-estar e segurança afetiva, pois só deste modo poderiam aprender, fazendo com que a creche fosse encarada como um lugar prazeroso. Por outro lado, era desejável levar as crianças a explorar ainda mais o mundo que as rodeava e, portanto, a adquirir novos saberes sobre o mesmo. Assim sendo, os objetivos gerais foram:

- Permanecer num clima de bem-estar e segurança afetiva;
- Explorar o mundo que a rodeia.

No entanto, era sabido que o caminho que a criança tinha de trilhar para chegar à descoberta devia ser ancorado pelo apoio dos adultos, portanto era considerada uma descoberta guiada. Descoberta essa que foi "alimentada" pela estimulação da motivação e curiosidade de cada criança, de modo que pudesse existir um envolvimento ativo nas oportunidades de aprendizagem. Foi propositado dispor à criança um leque variado de experiências, desejando-se que esta experimentasse, explorasse, mexesse, provasse, cheirasse, sentisse, conhecesse...Assim sendo, pretendia-se que a criança participasse ativamente em tudo o que lhe dizia respeito,

de maneira que houvesse um verdadeiro envolvimento tanto nos momentos da rotina, como nos momentos das atividades.

Como é sabido, os momentos de rotina são sempre muito importantes para a criança e tal como Gabriela Portugal (s.d) refere, é através das experiências vividas e das rotinas diárias que são asseguradas as satisfações das crianças, nomeadamente satisfações físicas, de afeto, de seguranças e de confiança. Neste sentido, no que respeita à intervenção existiu como objetivo tornar os momentos de rotina previsíveis para a criança. Também enriquecer esses momentos com uma interação ativa adulto/educando, para que a criança se sentisse sempre segura. Por exemplo na hora de arrumar cantava-se “Está na hora de arrumar as coisinhas no lugar” e à medida que se ia cantando a criança ia percebendo que tinha mesmo que arrumar e que ia passar para outro momento.

Para tentar garantir que as crianças soubessem o que ia acontecer a seguir e para auxiliá-las nos momentos de transição, eram assinaladas as passagens para os mesmos com canções que expressassem aquilo que se ia suceder. Na rotina era também promovida a autonomia, incentivando a criança a executar algumas tarefas sem a ajuda do adulto. Sempre que a criança ia à casa de banho era incentivada, por exemplo, a lavar e limpar as mãos sozinha. Na hora da sesta procurava-se que a criança se descalçasse sem a ajuda do adulto, neste sentido as crianças foram-se tornando cada vez mais autónomas e este objetivo foi atingido.

O projeto teve como título “Uma descoberta guiada pelo mundo” porque o grupo de crianças com quem foi desenvolvido o trabalho tinha um grande ímpeto descobridor e vontade de explorar o que os rodeava. Por isso, foi considerado que se deveria aproveitar esse entusiasmo para que as crianças evoluíssem. Para além disto, as crianças, nestas idades, estão constantemente a descobrir, mas para que o processo de descoberta seja mais eficaz devem existir adultos que guiem, orientem e enriqueçam as suas experiências. Os objetivos gerais centraram-se na exploração do mundo que rodeia as crianças, pois é a explorar que ela aprende e se desenvolve. Por outro lado, foi pretendido que a criança se encontrasse num clima de bem-estar e segurança afetiva porque só deste modo teria disposição e sentir-se-ia segura para partir à descoberta. Tal como é referido nos estudos e relatórios do Conselho Nacional de Educação (2009), proporcionar um bem-estar emocional ajuda para que a criança cresça confiante e curiosa, promove-se assim através do bem-estar cuidados e serviços estimulantes e promotores da autonomia. Quanto aos objetivos específicos, foram selecionados o objetivo: “conseguir caminhar, correr, saltar com desenvoltura”

porque é através da aquisição adequada destes movimentos básicos que a criança conseguirá conhecer e explorar o mundo. “Reproduzir pequenas canções”, foi justificada a sua escolha pelo facto de considerar que as canções emanam conhecimento do mundo e portanto é espectável que ao ouvir a letra da canção a criança apreenda novos saberes aliados a uma vertente lúdica e prazerosa que se torna essencial para a motivação. “Explorar algumas sensações ligadas às perceções sensoriais” este objetivo justifica-se pelo facto das crianças neste período de desenvolvimento apreenderem noções sobre o que as rodeia através das sensações, sendo muito sensoriais. Por fim, o objetivo “participar em atividades individuais e coletivas” foi implementado porque importava dar à criança oportunidades de explorar o mundo tanto de forma individual como coletiva, pois de ambas as formas a criança retira vantagens para a sua aprendizagem.

Para que os objetivos (tanto os que diziam respeito às atividades como aos momentos de rotina) pudessem ser cumpridos existiram algumas estratégias a enunciar, tais como:

- Proporcionar oportunidade à criança para participar ativamente nas várias atividades que surgiam;
- Promover momentos lúdicos onde existisse a exploração dos cinco sentidos;
- Transmitir afeto à criança;
- Reforçar positivamente os esforços da criança;
- Cantar canções que sugerissem o que iria acontecer no momento seguinte;
- Enriquecer a brincadeira livre da criança;
- Disponibilizar materiais estimulantes e organizar o espaço de maneira incentivadora;
- Estimular a curiosidade da criança através de atividades lúdicas que fossem ao encontro dos seus interesses;
- Proporcionar à criança idas ao pátio;
- Fazer gestos que correspondessem à letra das canções;
- Cantar as mesmas canções várias vezes;
- Proporcionar à criança atividades individuais e coletivas.

O projeto foi dado a conhecer através de:

- Exposição dos trabalhos das crianças e dos registos fotográficos (legendados) em placards, com a respetiva descrição da atividade e dos objetivos visados;

- Entrega de um CD a cada encarregado de educação que incluía os objetivos e as finalidades do projeto, bem como os registos fotográficos das atividades;
- Colocação dos trabalhos realizados pelas crianças nos seus portefólios.

Desde logo importa salientar que foi feita uma avaliação formativa, contínua do projeto tendo em conta não apenas o produto final, mas sobretudo o processo de aprendizagem. A avaliação do projeto foi, portanto, realizada ao longo de todo o tempo de estágio, utilizando-se como estratégias a observação direta, o diálogo com a educadora, o registo fotográfico do processo e do produto, o registo escrito de comentários feitos pelas crianças e uma reflexão de cada atividade desenvolvida.

No que respeita o balanço final do projeto, é de destacar que os objetivos gerais do mesmo foram atingidos. Foi conseguido que as crianças permanecessem num clima de bem-estar e segurança afetiva através de uma relação próxima com as mesmas, da satisfação das suas necessidades e do afeto oferecido. Por exemplo para tornar o momento da despedida dos pais, de manhã, mais fácil, a criança era sempre recebida com alegria, era pegada ao colo e eram-lhe dados carinhos. Existia logo um diálogo para perceber se estava bem-disposta, para onde queria ir brincar e era incentivada a ir ao quadro das presenças tirar a sua fotografia da imagem da casa e colá-la na imagem que tinha uma escola. Foi conseguido igualmente que as crianças explorassem ao máximo possível o mundo que as rodeava, pois foi dada liberdade e lugar para a livre exploração e foram disponibilizadas várias ocasiões onde as crianças experimentaram, exploraram, mexeram, provaram, cheiraram, ouviram, sentiram, conheceram... Foi garantido também que toda esta descoberta fosse guiada pelo adulto, uma vez que este esteve presente no sentido de orientar, abrir o caminho a essas descobertas e estimular a curiosidade.

As rotinas, de uma maneira geral, foram ao encontro do que tinha sido planeado no projeto, sendo que existiram algumas evoluções nas crianças, como por exemplo: as crianças começaram a utilizar algumas vezes expressões de cortesia, ficaram mais predispostas a participar no momento de arrumar a sala e numa ou noutra ocasião revelaram um pouco de mais autonomia no despir-se, no lavar as mãos e no descalçar-se. Por outro lado, o facto de ser privilegiada a interação verbal com as crianças nos momentos de rotina, levou a que estas comessem cada vez a falar mais com as estagiárias. Apesar disto, houve um ou outro aspeto onde não existiu uma evolução tão significativa, nomeadamente no uso da colher, sendo que as crianças ainda recorriam muitas vezes às mãos para comer. No entanto este comportamento é característico da idade e, portanto, é normal que aconteça.

Por fim, importa salientar que a avaliação do projeto foi conseguida, sendo que, tal como foi previsto, foi privilegiado o processo e não apenas o produto. Foram implementadas as estratégias de avaliação estabelecidas o que permitiu refletir sobre as evoluções das crianças. A educadora cooperante, assim como alguns pais deram um feedback positivo relativo ao trabalho desenvolvido.

Para a concretização do projeto foram desenvolvidas atividades que fizeram com que se trabalhasse o desenvolvimento pessoal e social através das brincadeiras livres, interação com os colegas da sala e com a partilha dos brinquedos, neste sentido pretendeu-se sempre que a criança se divertisse.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo existiram atividades como cantar canções com gestos, ouvir estórias mimadas, brincar com lanternas no escuro, produzir frases simples que tiveram como objetivo fazer com que o grupo participasse nos jogos da sala, conseguir ter orientação espacial, produzir pequenas frases simples. O desenvolvimento criativo foi trabalhado constantemente nomeadamente quando foram entregues balões e colocada música e as crianças brincaram livremente. Nesta atividade as crianças perceberam a diferença entre o vazio e o cheio, através do exemplo de um balão vazio e outro cheio. Puderam contactar com diversas cores, brincar em parceria, trocando os balões entre si e acima de tudo divertiram-se muito. Estavam alegres, sorriam, corriam, saltavam, davam gritos de alegria, ou seja os objetivos atingiram-se porque as crianças envolveram-se totalmente, estavam num absoluto bem-estar e utilizaram a sua criatividade na exploração dos balões. Foi feita, também uma atividade com fitas coloridas onde as crianças ao som de músicas puderam explorar as suas potencialidades à vontade, assim como trabalhar, através das mesmas, as cores promovendo também o desenvolvimento motor, nomeadamente a coordenação.

2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

Tal como António Gedeão dizia, "... eles não sabem nem sonham, que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança." Foi o sonho de ser educadora/professora que comandou a minha vida, daí ter ingressado na licenciatura em Educação Básica e seguidamente no mestrado em Educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico. Para mim o trabalho com crianças é das profissões mais nobres, requer que o adulto tenha uma sensibilidade extrema e consiga estar totalmente disponível para

receber, acolher, mimar, transmitir dos seus saberes e estar disposto, também, a receber do outro, é uma profissão de contacto e é isso que me fascina, portanto considero que fiz a escolha certa e sinto-me feliz. Sá (2005) refere que o educador só consegue educar se estiver em contacto com as crianças, mas principalmente com a criança que está dentro de si. Optar por esta profissão é reencontrar a própria infância e juventude em cada sala, em cada rosto, em cada esquina. Para além do misto de emoções que se sente ao ter a oportunidade de educar, e fazer disso profissão, tendo sempre em conta que é necessário o afeto, o desejo, a transmissão de cultura e a liberdade é gratificante poder contactar com a criança quando ainda se encontra no seu processo de desenvolvimento e onde o nosso trabalho irá contribuir para que cresça com a nossa ajuda e orientação, aprenda a controlar-se e consiga inserir-se no mundo que a rodeia. O educador/professor torna-se uma referência importante no crescimento e aquisição de hábitos da criança.

Ser professor/educador vai muito para além de conseguir transmitir conhecimentos e fazer aprender. Com os estágios fui percebendo a verdadeira essência desta profissão. Foram períodos de muitas aprendizagens, momentos de vitórias, superação de dificuldades e acima de tudo consciência do quanto é gratificante e compensador ajudar na tarefa de educar e fazer crescer em harmonia cada uma das crianças. Ainda Sá (2005, p.4), refere que:

“é o adulto/educador, por assim dizer, o primeiro embaixador do mundo junto do bebé, apresentando-lhe as possibilidades que a realidade oferece e os limites e desvios que impõem à vida impulsiva. É o primeiro organizador, um organizador externo, responsável pela forma como o mundo interior do bebé se organizará, e pelos objectos que decorrerão esse interior. É, poderíamos dizer, um arquiteto de interiores (p.4)”

Neste sentido, percebe-se a importância do professor/educador, porque é ele que vai, em parceria com a família, ajudar a criança a conhecer e integrar-se na sociedade/mundo que a rodeia, neste sentido é bastante importante refletir para poder agir. É através da reflexão, do pensamento sobre a ação que se pode evoluir, melhorar e superar. Para que isso seja possível, a avaliação também é muito importante e é através dela que o educador/professor consegue perceber se as suas estratégias estão a ir ao encontro dos objetivos a que se propôs cumprir e a dar resposta às necessidades de cada criança. Refletindo e tendo em conta a avaliação do trabalho desenvolvido, quanto ao estágio em educação pré-escolar destaco como pontos fortes a capacidade de proporcionar diálogos no tapete. Perante temas,

normalmente sugeridos pelas crianças, procurava estimular a sua imaginação e fazer com que o seu discurso fosse coerente e correto. Incentivava todas as crianças, incluindo as de três anos, a participarem ativamente nas conversas de modo a que começassem a desenvolver o seu sentido crítico relativamente aos temas discutidos. Visto que estas situações muitas vezes eram de improviso, porque não sabia sobre o que é que as crianças queriam falar, eu fui ganhando capacidades para atuar em situações que não estavam previstas, nem planeadas.

Foram desenvolvidas diversas atividades, contudo destaco a saída ao exterior, nomeadamente a um parque que se encontrava perto da instituição. Com esta atividade ficou comprovado que realmente conseguia organizar um grupo para uma visita ao exterior, proporcionar momentos de descoberta através da experimentação e visualização dos elementos no local. Foi conseguido proporcionar de uma forma simples pequenos momentos de alegria e prazer ao grupo, o que o motivou e lhes deu memórias reais, para depois, em sala, conseguirem construir um livro de regras de preservação da natureza e ter uma conversa no tapete sobre o que foi sentido, vivido e aprendido. A construção do livro de preservação da natureza foi uma atividade muito bem-sucedida porque serviu como avaliação da visita ao exterior, ou seja as crianças conseguiram enumerar diversas regras de preservação da natureza, nomeadamente: não deitar lixo para o chão, não estragar água, utilizar com cuidado os baloiços do parque, não arrancar flores, entre outras regras enumeradas. Conclui-se assim que a visita serviu para as crianças brincarem ao ar livre, divertirem-se, mas acima de tudo com a observação de situações de lixo no chão e alguns baloiços danificados, perceberem o quanto é importante não ter este tipo de atitudes.

Destaco como ponto menos positivo a organização e gestão do tempo de cada atividade, contudo foi uma dificuldade sentida desde o início, e portanto, foi algo trabalhado diariamente de forma a melhor. Inicialmente não conseguia gerir o tempo das atividades. Foi através do aperfeiçoamento das planificações e do conseguir prever acontecimentos que fui conseguindo adaptar as atividades ao tempo que dispunha ao longo do dia. Neste sentido existiu evolução e aprendizagem.

Foi através deste primeiro estágio que foi percebido o quão era importante a avaliação e o conseguir envolver as crianças nessa mesma avaliação. Inicialmente existiam dificuldades em encontrar estratégias de avaliação, contudo após a iniciativa de organizar os dossiers individuais de cada criança, com a sua ajuda fui percebendo que a própria criança consegue olhar para o seu trabalho e perceber se está bom ou não e o que poderia ter feito melhor. Neste sentido foi procurado avaliar cada criança quanto

ao empenho, envolvimento, atenção e interesse e sempre que possível confrontar a minha opinião com o que a criança achava. Sinto que existiu evolução e consegui aprender e utilizar diversas estratégias de avaliação e acima de tudo as crianças ficaram a saber que era dada importância aos seus trabalhos desenvolvidos e eram elogiadas nas suas evoluções.

Relativamente ao estágio desenvolvido no 1.º ciclo, numa turma de 1.º ano a grande evolução centrou-se na utilização de estratégias diversificadas, por exemplo utilizar materiais manipuláveis para a resolução de exercícios, nomeadamente ao nível da matemática. Cada criança construiu um colar de contas e ao fazê-lo foi-se apercebendo do que representava realmente a unidade e o que era a dezena, facilitando assim a resolução de problemas. Foram feitos diversos trabalhos em grupo, sempre que possível era dada a oportunidade para a criança ir ao quadro explicar o seu raciocínio, foram utilizadas histórias e canções para motivar as crianças para a leitura e escrita, mas também para introduzir novas letras e dar a conhecer novas palavras. Estas estratégias contribuíram para que as crianças alcançassem mais facilmente os objetivos e ao mesmo tempo se sentissem felizes na concretização da atividade que estavam a desenvolver. Por exemplo, foi realizada uma atividade matemática, em que através de um jogo, as crianças tinham que fazer somas de peças de dominó de modo a que essas somas correspondessem ao número indicado. Esta atividade para além de trabalhar conteúdos matemáticos, foi realizada a pares, o que estimulou o trabalho em grupo e acima de tudo as crianças divertiram-se porque não estavam apenas a fazer somas no caderno, mas também porque estavam a utilizar materiais diferentes, manipuláveis. Com esta atividade, ainda perceberam que para obterem um mesmo resultado podiam utilizar parcelas muito variadas. Esta foi uma conclusão pretendida e alcançada única e exclusivamente pelas crianças. Assim, mais dificilmente se esquecerão porque foram elas que através da experimentação conseguiram perceber e de forma entusiasta apresentaram-me essa conclusão.

De modo a cativar as crianças sempre que era introduzida uma nova letra, antes era apresentado um pequeno vídeo de animação, com uma história, sobre essa letra e no final eram ditas palavras que contivessem essa mesma letra. Quando as crianças passavam à fase seguinte, de as juntar com outras de modo a formar palavras e seguidamente transcreve-las para o caderno, já o faziam de forma animada e sempre relembrando o que tinham visto na história. Ainda era feita a recapitulação da história, trabalhando-se assim a capacidade de síntese e a memória. Ao introduzir a letra “Z” foi apresentado o vídeo da música da “Zebra Alzira”, com esta atividade as crianças mostraram-se entusiasmadas porque a música era alegre e apresentou um leque

variadíssimo de palavras que continham a letra “Z”. As crianças quiseram ouvi-la várias vezes porque cada vez que o faziam acabavam por fixar e aprender a escrever uma palavra nova. Este tipo de atividades resultava com aquele grupo.

Outra capacidade adquirida ao longo do estágio foi a de conseguir incentivar as crianças a procurar esclarecer as suas dúvidas através do diálogo com o adulto e com os colegas. Por exemplo, quando as crianças me colocavam questões que eu entendia serem boas para discussão em grande grupo, normalmente devolvia-a à criança ou ao grupo e discutíamo-la. Considero que assim a criança podia por ela chegar à resposta, mesmo que com a minha ajuda, torna-se a aprendizagem mais significativa. Sempre que era introduzido algum conceito novo tentava sempre fazer um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças em relação ao tema e a partir daí então avançar. Foram estratégias implementadas que facilitavam a aprendizagem.

Quanto ao estágio desenvolvido no contexto de Creche é de realçar a forma calma como fui interagindo com o grupo, para que este me recebesse, aceitasse e ganhasse confiança visto que era uma pessoa nova na sala. Tentei conquistar o meu espaço nas suas vidas através de conversas enquanto as crianças iam brincando livremente e por vezes quando era necessário alguma criança mudar a fralda eu oferecia-me e ia conversando com ela antes de a despir, para que se pudesse sentir mais à vontade e para que confiasse em mim.

Foi através deste estágio que percebi a verdadeira importância da boa observação, pois tratava-se de um grupo com idades muito novas e onde algumas crianças não falavam. Neste sentido, cabia ao educador e estagiárias perceber quais as necessidades de cada criança e do grupo, capacidade muito importante que o adulto deve ter para poder e conseguir atender às necessidades de cada um. Com este estágio fiquei com uma sensibilidade diferente para os comportamentos não-verbais, que segundo Vieira (1999, citado por Espinha 2008), refere “a comunicação não-verbal como o processo de transmissão de mensagens não baseadas na palavra e com recurso à linguagem dos gestos e do corpo”. Portanto estes comportamentos podem dizer muito sobre a criança ajudando o adulto a conhecer melhor cada uma. Estando atento às mensagens que a criança consegue transmitir através do seu corpo e tentando interpretá-las, quer elas sejam de alegria, tristeza, dor, entre outras, torna-se mais fácil estabelecer uma relação com a criança e poder atender às suas necessidades. Este é um aspeto e uma característica fundamental para um professor/educador.

Possivelmente esta característica ser-me-á bastante útil com crianças mais velhas, pois por vezes alguns comportamentos podem ter várias interpretações e se o adulto conseguir ter a capacidade de procurar conhecer a criança e não a julgar, interpretando os seus comportamentos pode ser uma mais-valia para a conseguir ajudar. Neste sentido este estágio foi bastante útil, pois é a conhecer a criança em tenra idade que vou ter capacidade para a compreender quando for mais velha.

Neste grupo existia uma criança que mordida e estava constantemente a bater nos colegas. Normalmente, tentava em primeiro lugar acalmar e reconfortar a criança mordida. Depois de a criança estar calma, procurava conversar com a criança que tinha mordido e perceber por que razão o tinha feito. Na maioria dos casos a criança mordida porque a outra também lhe tinha feito alguma coisa ou tirado algum brinquedo. Por vezes, tentava sentar a criança que mordida ao colo e ia falando com ela calmamente tentando fazer com que percebesse que não podia magoar os colegas. Procurava dar a entender à criança que mordeu que não se portou bem, mas de uma forma calma e segura, pois ainda são crianças e o erro faz parte de um processo de aprendizagem e da sua aprendizagem social. Após ter a conversa com a criança, mimava-a um pouco e de seguida deixava-a ir brincar.

Com a participação no grupo de reflexão percebi que estava a agir bem e que para além de acolher de forma calma e segura a criança que agride é muito importante perceber porque o fez e explicar-lhe calmamente que agiu mal e que independentemente de o adulto gostar muito dela ela não pode ter aquele tipo de comportamento. Trata-se de crianças pequenas, mas que já conseguem entender este tipo de conversas. O estágio com crianças desta idade serviu ainda para perceber o quanto é importante ser uma figura de confiança para a criança e ter a capacidade de estar lá quando ela erra, não só para a chamar à atenção, mas também para a lembrar que o adulto gosta muito dela. Esta atitude dá segurança à criança e ajuda-a a sentir-se integrada no grupo e na sala.

Foram diversas as atividades desenvolvidas e que foram de grande sucesso. Uma das atividades desenvolvidas foi uma que envolveu lanternas. Nessa atividade foi entregue uma lanterna a cada criança e as luzes foram apagadas. Depois, existiu interação constante com as crianças, de modo a poder alertá-las para as funcionalidades da luz e solicitando que realizassem movimentos com a lanterna para procurar outros colegas, partes do corpo, objetos na sala, ect. Quando foi colocada música as crianças ficaram felicíssimas e percebia-se que estavam a desfrutar ao máximo daquele objeto. Foi uma atividade muito bem conseguida porque existiu envolvimento total do grupo,

as crianças estavam felizes, alegres, sorriam, gritavam de satisfação, estavam relaxadas e descontraídas, mostrando bem-estar. Estavam absolutamente focadas e concentradas. Conseguiram divertir-se, interagiram com os colegas, não tiveram medo do escuro, adquiriram novas experiências visuais e exploraram novos materiais, alcançando assim os objetivos. Esta atividade, como todas as outras em creche, tinha sido inicialmente planificada para uma duração de 20 minutos, contudo e devido ao nível de envolvimento de todas as crianças a atividade estendeu-se durante aproximadamente 70 minutos. Senti-me bastante bem no decurso e execução da atividade porque para além de conseguir que os objetivos fossem cumpridos, pude observar e registar que proporcionei momentos de alegria às crianças com umas simples lanternas. Outra atividade muito bem conseguida foi a de expressão musical. Inicialmente as crianças ao ouvirem um som na sala tinham de o procurar, desenvolvendo assim a capacidade auditiva e depois desse procedimento no tapete tiveram contacto com os instrumentos, com o seu nome e seguidamente puderam explorá-los livremente. Contudo, não foi possível apresentar o nome de todos os instrumentos, primeiro porque eram muitos e depois porque as crianças estavam muito entusiasmadas e tinham o desejo de lhes mexer. Portanto, não se insistiu nos nomes e deu-se liberdade para que pudessem explorar livremente os instrumentos nesse momento. Foi uma atividade muito rica porque mexeram nos instrumentos, ouviram os seus diversos sons e divertiram-se, eram esses os principais objetivos da atividade.

Com o terminar de todos os estágios as emoções vinham ao de cima, criaram-se laços de afeto com as crianças e tornou-se saudosos ter de terminar cada etapa. As despedidas, pelo que fui percebendo, são algo muito importante pois significam o terminar de um ciclo e quando bem-feitas dão segurança à criança para aceitar bem esse momento e para perceber o que vai acontecer seguidamente. Tornou-se importante despedir de todos os grupos porque assim estes não ficaram a pensar que eu tinha desaparecido, ou que os tinha abandonado e mesmo que algumas crianças, nomeadamente no contexto de creche, não tivessem dado importância ao facto de dizer que ia embora pelo menos foi-lhes dada uma justificação e mais tarde ou mais cedo irão conseguir perceber-na. Esta capacidade de fazer despedidas justificadas de forma clara e segura foi outra característica adquirida ao longo do mestrado. São criados laços com os grupos e são passadas muitas horas com as crianças, onde a figura de referência muitas vezes passam a ser as estagiárias, nesse sentido é importante fazer uma boa transição para a fase seguinte, não deixando as crianças inseguras e confusas.

Todos estes estágios foram pequenas etapas com grandes aprendizagens. Aprendizagens ao nível da capacidade de controlar o número de atividades orientadas implementadas e não abusar nesse sentido. Planificar, gerir um grupo, avaliar para perceber se os objetivos estão a ser cumpridos, entres outras aprendizagens. Também existiram diversas dificuldades superadas, nomeadamente gerir o tempo de cada atividade, organizar trabalhos de grupo e encontrar estratégias alternativas para a apresentao de conteúdos. Independentemente dos contextos, a criança  sempre o centro e deve ser em torno dela que o educador/professor deve agir e trabalhar diariamente mais e melhor. A infância  umas das etapas mais bonitas e deve ser vivida com o máximo de bem-estar e envolvimento, portanto, torna-se bastante gratificante com gestos simples e total disponibilidade, para os mais pequenos, proporcionar-lhes ao longo de todos os dias momentos de grande felicidade e diversas aprendizagens, foi isso que tentei fazer ao longo de todos os estágios de interveno. Cabe ao educador e professor dar bases para algumas aprendizagens, contudo deve ter a perfeita noo de que a criança irá aprender mas não irá ser igual a ele, apenas utilizar os seus ensinamentos segundo a sua forma de estar e ser. Aplicá-los-, por vezes não de imediato, mas cada vez que o fizer o educador/professor saber que as bases ficaram aprendidas.  também por isto que esta profissão  tão gratificante e que os estágios serviram para perceber que o que fui fazendo diariamente e que nem sempre tinha resultados imediatos não significava que não tivesse sido aprendido, apenas era utilizado mais tarde ou noutras situaoes. Tal como Madre Teresa de Calcutá refere:

“Ensinars a voar... mas não voaro o teu voo

Ensinars a sonhar... mas não sonharo o teu sonho

Ensinars a viver... mas não viverão a tua vida

Ensinars a cantar... mas não cantaro a tua cano

Ensinars a pensar... mas não pensarão como tu.

Porém, sabers que cada vez que voem,

Sonhem, vivam, cantem e pensem

Estará a semente do caminho

Ensinado e aprendido”.

3. Percurso Investigativo e questão de pesquisa

No decorrer de cada estágio foram várias as situações vividas que me suscitaram curiosidade e sobre as quais tive necessidade de saber mais. No entanto, existiu uma que me despertou mais interesse porque foi visível e vivida em todos os contextos. No que respeita à educação pré-escolar, existia uma criança que tinha diversos comportamentos desafiadores, não só para com a educadora e auxiliar, mas também para com as estagiárias. Quebrava as regras da sala propositadamente, pois por vezes dizia que não gostava daquela regra. Num momento de total descontrolo e nervosismo chegou mesmo a agredir a educadora com murros e pontapés. Apesar de existirem estes comportamentos tratava-se de uma criança bastante meiga e inteligente. Estas situações fizeram-me refletir e tentar perceber o que levava esta criança a ter estes comportamentos, Como se estava a sentir para reagir desta forma? Será que estava com algum problema? E acima de tudo, como é que o adulto pode ajudar a criança para que se consiga controlar? Assim, surgiu a questão da disciplina, o que é? Como ajudar a criança a conseguir autocontrolar-se? E o que pode e deve ser feito para prevenir estes comportamentos? Relativamente ao estágio desenvolvido em primeiro ciclo esta questão voltou a estar presente. Na sala existia uma criança que enquanto se estavam a desenvolver as atividades começava a falar de assuntos alheios aos do momento, por vezes era impertinente, tentava meter-se com os colegas enquanto estes estavam concentrados a resolver os seus exercícios. Num dos dias de intervenção eu estava a distribuir os cadernos e esta criança chateada dá um murro nos cadernos que eu trazia na mão e estes caem todos para o chão. Novamente voltaram-me a surgir as dúvidas de como interpretar este tipo de comportamentos; Como agir; e a que se deve este desafiar da autoridade. Portanto, logo faria todo o sentido trabalhar o assunto numa perspetiva de ajudar a criança a autocontrolar-se e a aprender a lidar com os seus sentimentos. Foi após este estágio que tive a certeza que tinha que trabalhar esta temática pois foram surgindo várias situações e seria de todo pertinente saber mais sobre o assunto.

Quanto ao estágio em creche as situações com que me deparava eram propícias da idade, nomeadamente morder e bater nos colegas, não aceitar as ordens dos adultos, contestando-as através de birras ou dizendo constantemente “não”. Neste contexto não se pode falar de indisciplina, contudo o tema pode ser adequado no sentido em que o educador nestas idades pode utilizar estratégias que ajudem a criança a autocontrolar-se e a prevenir futuros comportamentos de indisciplina.

Foi por estas e outras situações vividas que resolvi abordar esta temática. A disciplina e as regras são essenciais e facilitadoras em contexto de aprendizagem. Para que uma criança consiga crescer saudável e segura é necessário sentir que tem limites e

tem alguém que a consegue orientar, contudo, a criança em certas alturas gosta e precisa de testar essas regras e assim conhecer o que pode ou não fazer, o que também são aprendizagens importantes. Assim sendo, pretendo perceber o que pode ser feito para ajudar a criança a aceitar e compreender a importância dos limites e conseqüentemente aprender a autodisciplinar-se e a lidar com os seus impulsos, desejos e frustrações.

De forma a evitar a indisciplina é importante dar a conhecer à criança que todas as atitudes têm uma consequência, no entanto, o adulto deve ter a capacidade de saber interpretar os comportamentos das crianças e ajudá-las para que possam crescer de uma forma emocionalmente saudável e bem-resolvida. Tenho ainda como objetivos para esta questão de pesquisa conhecer quais as estratégias que educadores e professores podem utilizar como forma de atenuar os comportamentos que consideram ser desadequados para ter na sala.

Parte II

1. Metodologia de trabalho adotada

A questão de pesquisa surgiu ao longo dos estágios através das observações e intervenções. Tendo como objetivo reavaliar essas mesmas intervenções e chegar a novas conclusões acerca da temática, este trabalho assume contornos de estudo de caso, porque foram ainda elaboradas pesquisas bibliográficas e analisadas entrevistas a educadores e professores de 1.º ciclo. Tendo em conta Araújo et al (2008, citando Yin 1994) o estudo de caso adapta-se às investigações em educação quando a pessoa que investiga tende a encontrar respostas para o “como” e o “porquê” e ainda quando procura encontrar interações entre fatores relevantes e quer analisar o fenómeno a que se acede diretamente e apreender a dinâmica do mesmo.

Ainda, a recolha de informação para a formulação da minha problemática foi feita através da técnica de observação direta ao longo dos estágios desenvolvidos, onde se chegou à questão de pesquisa. Seguidamente, foram elaboradas recolhas bibliográficas em livros e artigos relacionados com a temática em questão. A recolha de informação foi também feita através da realização de entrevistas a profissionais da educação, nomeadamente educadores de infância e professores. E, por fim, através da análise reflexiva das entrevistas que foram confrontadas com as leituras realizadas. Através desse confronto de informações surgiram conclusões e estratégias a adotar enquanto futura profissional de educação.

No que respeita às entrevistas, estas foram realizadas a três educadoras de infância de estabelecimentos diferentes. Um dos estabelecimentos era uma Instituição Particular de Solidariedade Social e os outros dois pertenciam à rede pública. Foram ainda entrevistadas três professoras do 1.º ciclo do ensino básico, duas do mesmo estabelecimento de ensino e uma outra de outro estabelecimento de ensino. Ambos os estabelecimentos pertenciam à rede pública. Às seis entrevistadas foram colocadas as mesmas questões relativas ao estudo em questão.

A educadora A (E.A) trabalha com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade e tem 38 anos de serviço. A educadora B (E.B) trabalha com um grupo de crianças com 4/5 anos de idade e tem 26 anos de serviço. A educadora C (E.C) trabalha com um grupo com 3/4 e 5 anos de idade e completou 35 anos de serviço. No que respeita às professoras, a professora A (P.A) trabalha com

dois anos de escolaridade na mesma sala, uma turma de 2.º ano e outra de 3.º ano e tem 15 anos de serviço. A professora B também trabalha com dois anos de escolaridade na mesma sala, designadamente uma turma de 1.º ano e outra de 4.º ano e tem 12 anos de serviço. Por fim, a professora C (P.C) leciona a uma turma de 2.º ano e tem 28 anos de serviço. Foram escolhidas estas profissionais de educação porque apresentam bastantes anos de serviço, tendo assim mais estratégias adotadas no que respeita à (in)disciplina.

2. Fundamentação teórica

2.1. A abordagem da (in)disciplina

Tendo como referência Brazelton e Sparrow (2013) conclui-se que depois do amor a disciplina é a dádiva mais importante que um pai pode dar a um filho. Quando se fala em disciplina, em momento algum, se está a falar em punição, pois a disciplina tem a ver com o ensino e com os limites que são muito importantes, uma vez que transmitem segurança à criança. Este é um processo que requer muita repetição e paciência. A longo prazo tem-se como objetivo da disciplina o autocontrolo, ou seja, a capacidade da criança conseguir estabelecer os seus próprios limites.

Seguindo a mesma linha de pensamento relativa à aprendizagem da disciplina, Wayson (1985, citado por Mendes, 1998) refere que esta e o bom comportamento são aprendidos, devendo ser ensinados para que o aluno saiba o que fazer, como fazer e quando fazer assim que se encontre perante uma nova situação.

Quando os comportamentos não correspondem ao que é entendido por disciplina e tendem a ser perturbadores, podem ser encarados como mau comportamento ou até mesmo como comportamentos de indisciplina. Contudo a indisciplina encontra-se ligada ao mau comportamento,

“as definições do bom comportamento e do mau comportamento ao resultarem, em grande medida, das interpretações que emanam das especificidades dos encontros entre professores e alunos, acabam por transformar as normas inscritas nos regulamentos escolares - em orientações institucionais cuja aplicação linear não é transversal a todas as situações. Neste quadro, a definição de condutas aceitáveis e inaceitáveis é relativizada no plano das interações quotidianas, sendo que, na prática, o regulamento escolar surge

com um instrumento institucional, fundamentalmente, orientador”. Costa (2012, p.27)

Reforçando a ideia apresentada anteriormente, indisciplina ou mau comportamento não são vistos como algo separado e um resulta do outro, Estrela (1994 e Silva (1999), citados por Moreira 2012) associam a indisciplina a um problema de adequação da criança à escola, despoletando comportamentos que violem as normas estabelecidas e que perturbem o contexto de sala de aula; por outro lado Rey (2004 e Arum 2005, citados por Moreira 2012) consideram que a indisciplina surge devido a uma desorganização da sala de aula, refletindo a ausência de autoridade por parte da escola.

Ainda tendo em conta o termo indisciplina e recorrendo ao parecer n.º 3/2002 do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei n.º 241/96), pode-se dizer que indisciplina são todos os comportamentos que tenham como objetivo perturbar os procedimentos de aprendizagem que acontecem na escola, dificultando assim o exercício da função docente, perturbando a convivência da comunidade educativa no seu todo. Acrescenta também que a escola nunca será uma ilha de felicidade num mundo infeliz, um oásis de paz num deserto de violência, ou seja, antes a escola para muitos era a única oportunidade de contactar com o “mundo”, hoje em dia, com todos meios de informação que existem à disposição, acabam por prejudicar uma parte da novidade que dantes havia na aprendizagem escolar. Logo a escola pode não ter tanta importância para a criança e a desmotivação em alguns casos pode levar a comportamentos de indisciplina, daí ser tão importante o papel do professor, de modo a promover uma atitude de cooperação dentro da sala de aula.

Os comportamentos de indisciplina que são referidos anteriormente podem ter diversas interpretações dependendo do contexto e das interações que são realizadas entre criança e adulto, contudo nunca se pode esquecer que o exemplo transmitido pelo adulto é muito importante e influenciador, sendo tido como referência pela criança. Neste sentido torna-se importante perceber o que é a indisciplina. Tendo como referência Bettelheim (2003) este refere que a primeira definição dada à palavra disciplina está relacionada com um ensinamento dado a um discípulo, neste sentido discípulo refere-se àquele que aprende, ou seja, o discípulo vê no outro o exemplo e tende a agir de modo a agradá-lo e posteriormente a seguir os seus ensinamentos, pois este é a sua imagem de referência.

Quando, na história, os discípulos adoravam a Cristo faziam-no e imitavam-no porque acreditavam nas suas palavras, mas acima de tudo devido ao amor que sentiam por

ele e do amor que ele sentia por eles. Neste sentido, sem amor recíproco, a mensagem ou “disciplina” que é transmitida e o exemplo do adulto, por mais convincente que sejam, não conseguirão alterar os comportamentos dos mais novos. É possível as crianças não agirem contrariamente aos princípios do seu indivíduo de referência, pois os seus ensinamentos, o seu exemplo e o amor podem ser um método seguro de transmitir os valores desejáveis e a autodisciplina que é tão ambicionada para o crescimento saudável da criança. O adulto tem um papel fundamental nesta etapa de crescimento da criança.

Antes da criança adquirir a autodisciplina podem surgir comportamentos de indisciplina, pois esta relaciona-se com a incapacidade da criança conseguir lidar com as suas emoções e assim não ter tolerância às indicações e regras dos adultos, mas irá conseguir aprender se este a ajudar. Poderá ser através das brincadeiras, momentos lúdicos e inocência característica de cada criança que esta irá alcançar estes objetivos. Com isto o adulto nunca se deve esquecer que a aprendizagem é feita através das emoções e que a criança aprende a aprender, devendo ser sempre auxiliada pelo adulto, através de um longo percurso, nomeadamente através da conquista da atenção e do interesse da criança. João dos Santos, citado por Branco (2013 p.90) refere que:

“Aprende-se a aprender, não se ensina a aprender. Aprende-se a sonhar com a ajuda da realidade, das pessoas adultas que sabem estar presentes (...) sem interesse por uma dada matéria, não é possível iniciar alguém nessa matéria. Sem se conhecerem os interesses dos discípulos não há ensino; sem motivação e diálogo não há aprendizagem. A criança só pode aprender, se primeiro sentir, e o sentir refere-se a tudo o que é atividade emocional...”

Este processo de conquista da disciplina e da ajuda no ensinamento da mesma não deve ser levado a cabo através da agressividade ou da disciplina imposta. Silva (2014) citando Dewey (1980), refere que a disciplina que é forçada tornará a criança muito obediente, podendo esta esconder os seus sentimentos ou desejos. Ainda, o autor supracitado, tendo em conta Freire (2007) refere que os educadores devem dar oportunidade para que as crianças sejam elas próprias. Para uma melhor educação e em oposição ao esforço artificial, no que respeita à disciplina é necessário pensar numa educação regida pelo interesse e curiosidade da criança. Neste sentido estamos perante uma educação em que a criança aprende e toma conhecimento das situações através do seu processo, da ação e da prática e não através da inatividade prejudicial.

2.2. As regras adequadas não são castigos são facilitadores de aprendizagem

Na sala de aula, quando se fala em indisciplina, o professor refere-se muitas vezes ao incumprimento das regras estabelecidas (quer sejam elas estabelecidas pelo professor, quer pelo professor em parceria com os alunos). Caldeira (2007) considera que as regras são necessárias e o professor deve perceber que regras adequadas promovem o bom funcionamento das aulas. Também de forma implícita, as regras contribuem para a transmissão de valores. As regras e a disciplina estão interligadas, tal como Houssaye (1996, p.191) menciona, disciplina refere-se não só às regras da vida como às linhas orientadoras dentro da sala “*discipline designe tout à la fois les règles de vie, l’ordre des conduites au sein de la classe («être discipliné»»*”.

Regras bem estruturadas e racionais ajudam os alunos a aceitá-las e a interiorizá-las. Quando estes as aceitam passam a compreender a sua necessidade, promovendo assim a sua autonomia, não vendo essa mesma regra como uma imposição injusta de um agente externo.

Para que o professor consiga ter consciência da importância destas regras e de como manter um bom ambiente dentro da sala de aula, para que exista harmonia, desenvolvimento e aprendizagem, Santos (2002 citado por Estrela & Ferreira 2002) refere que a formação inicial é muito importante. O currículo deve efetivamente ser integrador da teoria na prática, ou seja, ao longo do percurso académico devem ser criados espaços onde os futuros professores aprendam e contactem com situações da prática e respetiva análise. Neste sentido, é pretendido que o futuro professor, através da vivência destas situações, consiga que a teoria ilumine a prática e esta dê sentido à teoria, ou seja, ambas devem-se interligar num todo.

Estes preparativos, antes do aprendiz exercer a profissão, fazem com que não exista posteriormente um choque de realidade e vá aprendendo como fazer, fazendo. Assim o adulto consegue mais facilmente ajudar a criança a formar o seu conhecimento de modo saudável. Ainda Silva (2014, citando Freire 1989) profere que a disciplina deve servir como meio para ajudar a criança a formar o seu conhecimento. O adulto deve orientar a criança, nunca a desamparando e ter em conta os seus desejos e próprias vontades até que esta atinja a sua autonomia e autodisciplina para continuar a construção dos conhecimentos essenciais à sua sobrevivência.

Nesta fase a criança necessita que um adulto a discipline, pois uma criança entregue a si própria dificilmente se disciplinará. A escola é uma instituição muito importante na transmissão de disciplina, para Amado e Freire (2002) esta contribui para que exista desenvolvimento de competências que lhe permitam tomar decisões e agir de forma fundamentada no seu quotidiano. A disciplina, mesmo que de forma indireta, tem influência sobre o desenvolvimento moral e sobre a aquisição de competências pessoais e sociais que a ajudarão para a construção da sua autoimagem.

Para Estrela (1992), o termo disciplina acabou por adquirir um sentido pejorativo, porque a ele se encontram associadas apenas regras e ordens bem como as respetivas sanções correspondentes aos desvios e o conseqüente sofrimento que elas originam. As sanções por vezes utilizadas resumem-se aos castigos. Para Bettelheim (2003) o castigo acaba apenas por dominar a criança, não lhe ensinando a autodisciplina. Pode levar a criança a pensar que a força é que faz o direito, ou seja, quando for maior e tiver “mais força” poderá fazer o mesmo. A maioria das crianças através dos castigos aprende a evitar situações que os proporcionem, nesse sentido são eficazes; a criança que antes agia abertamente aprende a esconder as suas ações.

Torna-se mais correto conversar com a criança e elucidá-la de que o adulto tem a certeza de que se ela soubesse que o que estava a fazer estava errado não o faria. Está-se a desaprovar ou mesmo a proibir o repetir da situação, mas o adulto ao transmitir uma mensagem positiva, ou seja, dizer à criança que está convencido de que ela não tencionava fazer nada de mal, permitirá que esta se acalme mais facilmente, e assim escute o adulto e aceite que o que fez é errado e não o pode voltar a fazer. Apesar da criança poder continuar a não gostar das objeções do adulto ficará agradada pela boa opinião que o outro tem dela, em muitos casos querendo continuar a ser reconhecida e a agradar o adulto. A criança, possivelmente, tentará manter essa posição, mesmo que para isso, por vezes, tenha de abdicar de qualquer coisa de que goste.

Quando o adulto diz à criança que agiu mal, esta raramente fica convencida, apenas quando se dá conta de que o outro pode vir a gostar menos dela é que o seu ato lhe faz sentido, isto porque todas querem agradar e ser elogiadas pelas pessoas que amam. Quando o aprendiz percebe que certas atitudes podem “abalar” o amor do adulto, a curto prazo o melhor é fazer o que este pede, considerando ser o mais adequado para o crescimento saudável da criança. A longo prazo a criança passará, sem esforço, a seguir o exemplo do adulto, porque aos poucos foi-se identificando

com os valores que lhe eram transmitidos. Esta identificação resulta porque a criança admira e ama o adulto e não porque é castigada. Ainda para o mesmo autor a única disciplina eficaz é a autodisciplina da criança que acontece devido ao seu desejo de agir bem.

2.3. Um longo percurso a trilhar: da disciplina à autodisciplina

A autodisciplina na visão de Brazelton e Sparrow (2013) serve para que a criança consiga controlar os seus impulsos, consiga respeitar o outro, nomeadamente os seus sentimentos e direitos. Neste sentido a criança começa a optar por fazer o que “está certo”. A autodisciplina irá variar de criança para criança, isto porque a personalidade de cada uma ditará a forma como irá encarar o mundo. Dependendo da personalidade de cada criança esta irá ser capaz com mais facilidade ou com mais dificuldade realizar as suas tarefas.

Tendo em conta a linha de pensamento de Ballenato (2008), este autocontrolo não significa que o adulto esteja a incentivar a criança a esconder, rejeitar ou negar as suas emoções, porque isso iria submetê-la a uma extrema pressão e não é isso que se deseja. O adulto apenas está a ajudá-la e ensiná-la a reconhecer as suas emoções e a aceitá-las, o que irá facilitar a sua integração social, independentemente da personalidade de cada uma.

A personalidade pode influenciar a forma como as crianças encaram as tarefas, a flexibilidade como encara as pessoas, ou seja, se é envergonhada, orgulhosa, adaptável, e ainda a forma como reage aos estímulos dependendo do seu estado de espírito. A dificuldade que a criança possa ter em se controlar pode advir do facto de ser muito ativa e neste sentido precisar de mais tempo e atenção por parte do adulto, para que este a possa ajudar. Por exemplo, as crianças mais sensíveis, por vezes, são mais atentas, podendo vir a ter sentimentos de culpa e responsabilidade por coisas que ainda não são para sua idade; neste sentido, a forma como o adulto lida com ela tem de ser diferente da forma como lida com crianças com características apresentadas anteriormente.

2.4. Fatores a ter em conta quando se fala em indisciplina

Para Ballenato (2008), conseguir compreender a personalidade da criança ajuda a adaptar a disciplina às qualidades individuais de cada uma, o que certamente fará com que a criança tenha mais facilidade em conseguir controlar os seus comportamentos

sozinha. Esta permite ainda ao aprendiz encarar o seu erro quando o comete, conseguir repará-lo e ainda pedir perdão. O facto de a criança pedir desculpa depois de magoar outra, por exemplo, ajudá-la-á a conhecer os sentimentos dos outros e a respeitá-los. Assim uma disciplina eficaz ensina à criança o que tem de fazer para poder ser perdoada, permitindo assim que esta enfrente as consequências futuras das suas ações.

Outro fator que pode ajudar a adaptar a disciplina às características dos educandos é o facto de os professores e educadores estarem atentos à falta de motivação por parte dos alunos. A falta de motivação é outro fator que está associado aos comportamentos de indisciplina e neste sentido Boarini (1998, citado por Mendonça 2010) refere que este acontecimento pode revelar falta de cumprimento das necessidades individuais do aluno. Hoje em dia existem muitas fontes de informação disponíveis, as quais os alunos estão habituados a consultar, o que faz com que, por vezes, a informação da escola não se torne uma novidade e isso possa ser desmotivante.

Também os pais têm um papel importantíssimo para o controlo da indisciplina na criança. A família é o primeiro contexto de socialização que a criança tem e é este que exerce grande influência sobre a mesma. As atitudes praticadas pelos mais próximos da criança vão ter grande influência no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola. Os comportamentos e formas de agir por parte dos pais para com a criança têm de ser equilibrados, de modo a criar uma criança equilibrada, saudável e disciplinada. Moreno e Cubero (1996, citados por Mendonça 2010) distinguem os pais em três grandes grupos, os “pais autoritários” considerados bastante rígidos, controladores, pouco afetivos, podendo criar assim crianças que orientam as suas ações apenas em função de não serem castigadas, por exemplo. Existem ainda os “pais permissivos”, que são pais, segundo os autores, que valorizam o diálogo, o afeto, ouvem a opinião da criança, mas têm alguma dificuldade em impor limites, podendo criar crianças impulsivas que muitas vezes não conseguem assumir obrigações. Por fim, são referidos os “pais democráticos” que são os que conseguem um maior equilíbrio, estimulando os filhos a dar opinião através de um diálogo coerente e equilibrado, estes possivelmente, tornar-se-ão crianças com capacidades de autocontrolo, iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos.

Independentemente do estilo de autoridade que cada pai exerce, é necessário que participe na vida escolar do seu educando. Webster-Stratton (1998, citado por Franzoloso 2011) considera que as crianças cujas famílias são ativas e participam nas

atividades, reuniões e eventos das escolas e jardim-de-infância apresentam mais autoconfiança, um maior autocontrolo das emoções e dos comportamentos.

2.5. A relação da educação pré-escolar com a indisciplina

De acordo com DeVries (2002, citado por Franzoloso 2011), este considera que existe indisciplina na educação pré-escolar. Encara que a indisciplina é perceptível desde cedo na criança. Quanto mais rápido o educador a identificar e trabalhar, melhor, porque assim irá diminuir os riscos de manifestação de indisciplina a qualquer outro nível de ensino. Carter e Van Norman (2010, também citados por Franzoloso 2001) confirmam a ideia de que a indisciplina pode surgir na educação pré-escolar.

Tendo como base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), estas não fazem referência à indisciplina, apenas referem que ao nível do comportamento é pretendido que a criança seja capaz de se integrar no quotidiano do grupo. A criança terá que adotar determinados comportamentos, por exemplo: ser capaz de aceitar as regras de comportamento, saber esperar pela sua vez de falar, escutar os colegas e compreender e seguir orientações e ordens.

Franzoloso (2001 citando Howse et al 2003) considera que cada criança tem uma capacidade diferente de se conseguir autocontrolar emocionalmente e consideram que isso é possível de ser observado desde cedo. Neste sentido referem que as crianças que apresentam dificuldades a este nível, quando chegam à escola, vão encontrar os mesmos obstáculos em organizar e controlar as suas atitudes, afetando assim o seu desempenho escolar.

DeVries (1998, citado por Franzoloso 2001) refere que a indisciplina na etapa da educação pré-escolar é manifestada através da dificuldade que a criança possa apresentar em relação à adaptação à vida social, um contacto social inadequado. Os comportamentos são marcados pela intolerância à frustração, desrespeito para com as figuras de autoridade e com os pares. É importante destacar que o autor refere que a agitação motora é uma característica própria do desenvolvimento das crianças nestas faixas etárias e que precisam de brincar, movimentar-se e arranjar formas de extravasar a sua energia. Nunca estes comportamentos podem ser considerados indisciplina porque não o são.

Neste sentido, Vergés (2003 citado por Franzoloso 2001, p.11) afirma que:

“A criança que questiona, pergunta e se movimenta em sala de aula, não pode ser considerada indisciplinada, porque na construção do conhecimento, a criança precisa buscar as alternativas para encontrar o melhor caminho para aprender. Agora, aquele aluno que não tem limites, não respeita a opinião e os sentimentos dos colegas, esse sim, é um aluno que pode ser considerado indisciplinado. As crianças que, manifestam indisciplina mesmo aos 3, 4 e 5 anos de idade, demandam maior atenção e estímulo, tanto da escola quanto da família, para que possam se desenvolver moralmente e (...) socialmente”.

A educação pré-escolar é um local que oferece os melhores momentos para trabalhar este tipo de comportamentos e para prevenir futuros comportamentos de indisciplina na escola. (Stefan e Miclea 2010 citados por Franzoloso 2001). Ainda a mesma autora referindo Vergés (2003) afirma que a educação pré-escolar proporciona o ambiente que a criança necessita para desenvolver todas as suas competências. É através do desenvolvimento moral que a criança vai adquirindo a sua autonomia e a autodisciplina fazendo com que comportamentos de indisciplina passem a ser menos frequentes.

Ainda seguindo a mesma ideia de que a educação pré-escolar pode ajudar a criança na sua preparação para a escola, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997) referem que a educação pré-escolar deve favorecer atitudes que facilitem a transição. Essas atitudes devem basear-se na aprendizagem, na curiosidade e no desejo de aprender. A criação de atitudes positivas relativamente à escola permitirá uma melhor integração num novo contexto.

2.6. Um olhar sobre possíveis estratégias que podem promover a disciplina

De acordo com Amado e Freire (2002) a forma como o professor gere a sala de aula e regula o seu poder, passando uma imagem de justiça e compreensão nas suas relações com os alunos, pode proporcionar ou não comportamentos de indisciplina na sala. De acordo com um estudo realizado por (Amado, 2001 et al) na perspetiva das crianças o professor deve atuar com autoridade e é ele que tem o poder dentro da sala. Esta autoridade, segundo os alunos, é necessária para a criação de um clima de trabalho e de aprendizagem, contudo a investigação revela que o problema centra-se em dois pontos fulcrais, por um lado num extremo autoritarismo e por outro num extremo permissivismo.

Neste sentido o extremo autoritarismo é entendido como algo negativo, porque se trata de um professor que abusa da sua autoridade, é demasiado rígido e agressivo, tomando o controlo através das ameaças e principalmente é alguém que tem um grande distanciamento dos afetos. Assim, inicialmente, os alunos podem sentir-se amedrontados, mas rapidamente adquirem outros comportamentos que, segundo os autores, podem mesmo ser de vingança. Este tipo de professores limita as atividades e liberdade dos alunos na sala exigindo obediência e recorrem frequentemente aos castigos. Estes professores, quando se apresentam no início do ano aos alunos, vão logo com uma postura rígida, atitudes frias e aparência autoritária.

Contudo Houssaye (1996) dá outro sentido à palavra autoridade, como sendo algo que dá consistência às regras e pode facilitar a integração de um modelo, ou seja, *“L’autorité est une attitude qui encadre et maintient le respect des règles communes. Elle peut faciliter l’identification, l’intégration d’un modèle.”* Trata-se da forma como cada um interpreta a palavra, sem esta ser sinónimo de punição, pois segundo o mesmo autor *“on peut faire preuve d’autorité sans jamais punir”*(p.191). Em suma, trata-se de fazer um exercício adequado da autoridade e não recorrer ao extremo autoritarismo.

O permissivismo é o oposto, criando situações de perfeito descontrolo na sala de aula, o que proporciona comportamentos desadequados. Neste estilo de autoridade os alunos sentem-se perfeitamente à vontade. A primeira apresentação do professor transmite desde logo aos alunos uma imagem positiva ou negativa e o professor permissivo tende a apresentar-se como bonzinho, tratando os alunos por meninos como se fossem bebés.

Outro estilo de autoridade mais equilibrado pode ser o do professor assertivo. Aqui o professor sabe fazer-se respeitar começando por respeitar os alunos. Este tipo de professor acredita nos alunos, dá-lhes responsabilidades, conseguindo censurar os comportamentos e não as pessoas, algo que é bastante importante. Os estilos de gestão da sala de aula e relação criada entre professor e aluno criam-se desde o início do ano e no desenrolar do mesmo. Trata-se de uma combinação de estratégias utilizadas pelo adulto que por vezes se torna complexa com os objetivos de passar uma imagem de si mesmo e em simultâneo adquirir o controlo das situações da sala de aula. Os professores que tendem a ser assertivos no primeiro encontro explicam as regras, ouvem a opinião dos alunos sobre as mesmas e gestão da aula, justificam procedimentos e mostram-se exigentes desde logo, sem deixar de transparecer compreensão e humor.

Muitos dos comportamentos e posturas adotadas pelas crianças podem advir do “primeiro encontro” com o professor, portanto a forma como cada um se apresenta é muito importante e pode servir como ponto de partida para uma aprendizagem saudável e um relacionamento cordial entre professor e aluno.

De acordo com o Parecer n.º 3/2002 do Conselho Nacional de Educação, Decreto-Lei n.º 241/96 os comportamentos de indisciplina podem surgir em qualquer sala de aula, portanto o professor deve sentir-se preparado para os contornar, sendo a sua formação inicial muito importante, nunca desvalorizando a componente pedagógica, o professor deve adquirir conhecimentos de psicologia, capacidade de liderança e competências de mediação. Se os professores forem preparados para serem mestres de cidadania, mais facilidade conseguirão que os seus discentes adotem comportamentos esperados na sala de aula. O gosto pela profissão de professor é outro ponto de partida para transmitir aos alunos a motivação para a aprendizagem.

Para além da forma como os professores se apresentam, existem outras possíveis estratégias que podem ajudar a criança. Para Brazelton e Sparrow (2013) estas estratégias podem ter diversos efeitos. Primeiramente, acabar com o comportamento inadequado da criança; em seguida, a criança deve acalmar-se e tomar o controlo sobre as suas emoções. Seguidamente, deve perceber a dimensão do que fez e o que causou no outro bem como as consequências da sua ação. Posteriormente poderão procurar a resolução do problema e, se possível, a negociação ou o compromisso, que é uma etapa de esforço da criança para corrigir o erro; por fim, seguem-se as desculpas e conseqüentemente o perdão. Neste processo o adulto tem o dever de ajudar a criança a aprender a parar, a controlar as emoções, a perceber o significado das suas ações, o que isso causou no outro e principalmente a forma como evitar esses comportamentos. Para os autores supracitados, com o cumprimento destas etapas, consegue-se muito mais do que punir ou parar um mau comportamento.

Estas aprendizagens não acontecem logo com as primeiras intervenções, trata-se de um processo longo e que exige inúmeras repetições até que a criança aprenda a conseguir controlar os maus comportamentos. O adulto pode encontrar algumas estratégias de lidar com as crianças quando estas se encontram a fazer algo que este desaprova, contudo o que resulta com uma criança pode não resultar com outra, devido às diferenças existentes em cada ser humano, nomeadamente na personalidade, como foi referido anteriormente.

Os avisos podem ser utilizados de modo a preparar a criança para a “frustração” que irá sentir porque poderá ter de mudar de atividade. Se o adulto avisar a criança de que

passado um “X” de tempo terá de arrumar os brinquedos para ir almoçar esta terá conhecimento de que aquela atividade que lhe está a dar prazer tem de terminar para passar para outra que pode não ser tão interessante. Quando a hora se estiver a aproximar, o adulto pode fazer um novo aviso para lembrar a criança e no momento poderá ajudá-la a arrumar os brinquedos. Estes avisos deram consistência à decisão e prepararam a criança. A determinação do adulto dá confiança à criança mesmo que ela não concorde com o que o adulto lhe está a pedir.

Esta estratégia prepara a criança para a mudança, ajuda-a a reconhecer os seus estados de espírito e a ir controlando-os. As mudanças são muitas vezes mal aceites pelas crianças e daí podem advir comportamentos desadequados, portanto, aos poucos, estes avisos ajudam a criança a perceber que existem transições difíceis para ela, com as quais não conseguem lidar pacificamente, mas com a ajuda do adulto a longo prazo vai-se habituando a estas mudanças necessárias no dia-a-dia. Por outro lado, esta estratégia pode não funcionar, se o adulto não for firme e for prolongando os avisos, ou então se a criança estiver profundamente envolvida que não consiga interromper a atividade voluntariamente.

Outra estratégia pode ser a de repetir a ação de forma correta, ou seja, por exemplo, se uma criança tira um brinquedo a outra à força, o adulto em conversa com a criança pode incentivá-la a devolver o brinquedo e apresentar-lhe outras opções. Esta estratégia ajuda a criança a readquirir o autocontrolo e o adulto está a dar-lhe a oportunidade de ser bem-sucedida e está a apoiar o sucesso que ela pode ter e não a repreender ou castigar um ato inicial que pode ser reparado. Neste sentido a criança centra-se no sucesso e não no falhanço, consegue perceber as consequências dos seus atos, ajuda-a a ter a capacidade de resolver problemas, dá-lhe a oportunidade de lidar com sentimentos de culpa e seguidamente redimir-se. Como todas as pessoas, as crianças têm o direito e precisam de ter segundas oportunidades para poderem aprender. Por vezes a criança pode não ser capaz de fazer bem determinada atividade, nomeadamente, repetir a ação que fez incorretamente, mas de forma correta, e então o adulto não deve insistir demasiado numa segunda tentativa, mas sim incentivá-la a repetir os passos que esta é capaz de fazer verdadeiramente bem.

Outra forma de agir, de modo a prevenir comportamentos desadequados, pode ser fazer um planeamento das situações com as crianças. Muitas vezes o adulto sabe que certa situação vai desencadear comportamentos inadequados, portanto em conversa com a criança pode estabelecer limites e alternativas para determinada situação.

Por exemplo, a educadora sabe que a criança “X”, quando chega à sala, gosta de ir brincar com um determinado puzzle, contudo naquele dia chegou outra criança primeiro e agarrou-o. Assim que a criança “X” chega, a educadora alerta-o para o que está a acontecer e em conjunto procuram encontrar uma alternativa para esta não fazer birra ou ir tirar à força o puzzle ao colega. Neste sentido a educadora está a trabalhar em parceria com a criança a ajudá-la a resolver um problema e a enfrentar um dilema e em simultâneo a transmitir-lhe segurança, estão assim a formar uma equipa. Assim como existem estratégias que podem atenuar os maus comportamentos e ajudar a criança a autocontrolar-se existem outras que nunca devem ser utilizadas porque não têm efeito e podem ter consequências negativas relativamente ao crescimento saudável da criança e à sua autoestima.

Os castigos corporais não devem fazer parte do lote de planos que os adultos têm para educarem uma criança. Este tipo de castigo não ensina nada à criança, apenas que a violência é uma forma de resolver os problemas, isto porque o objetivo da disciplina é ajudar a criança a controlar-se sozinha e a força certamente não contribuirá para isso.

Envergonhar ou humilhar a criança também nunca deve ser utilizado como recurso, pois a perceção que a criança tem de que errou é muito mais importante do que se sentir humilhada. Quando esta é a estratégia, as crianças acabam por criar sentimentos de raiva e neste sentido pode surgir a necessidade de se defender negando o seu ato em vez de o reconhecer e alterar. Estas medidas não transmitem ensinamentos, podem ter danos na autoestima da criança e assolar a relação adulto-criança.

Outra estratégia que jamais deve ser utilizada é ameaçar a criança de que não vai ter afeto ou que vai ser abandonada. Estas ações nem devem ser consideradas estratégias porque em momento algum a criança deve sentir que não é amada. O efeito a longo prazo deste tipo de palavras e ações pode ser nefasto não só para a relação entre adulto-criança como para a segurança, confiança e autoestima da criança. Sem amor a criança pode ter sentimentos de raiva e ressentimento, conduzindo assim a problemas comportamentais sérios, isto porque a criança que não se sente amada não será capaz de amar, para além de que são ações que não transmitem ensinamento algum.

Em síntese, podemos salientar que a disciplina é algo muito importante para o crescimento equilibrado de uma criança, pois transmite-lhe segurança. A disciplina deve servir como meio para ajudar a criança a formar o seu conhecimento e a

autodisciplinar-se. Para que o professor/educador consiga agir na sua sala de modo a que ambiente seja propício ao desenvolvimento das crianças é necessário que exista compreensão no que respeita aos comportamentos das crianças e amor pela profissão. O facto de se gostar do que se faz deixa o adulto mais disponível para ouvir a criança e quando necessário aplicar as regras corretas para o bom funcionamento das atividades.

As regras são necessárias, contudo devem ser adaptadas ao contexto e ao grupo a que se destinam, nunca sendo encaradas como castigos. Deve-se ter sempre em conta a personalidade da criança quando se avaliam os comportamentos de indisciplina. Também o professor/educador deve adotar uma postura equilibrada para não ser nem extremamente autoritário, nem extremamente permissivo. Cabe ainda ao profissional de educação ajudar a criança a aprender a parar e a controlar as suas emoções, de modo a que consiga autocontrolar-se, evitando assim comportamentos de indisciplina.

Por fim, comportamentos de indisciplina podem surgir em qualquer sala, quer seja de jardim-de-infância, quer seja de 1.º ciclo, portanto os professores/educadores devem sentir-se preparados para os contornar. Se estiverem preparados para serem mestres de cidadania, mais facilmente as crianças adotarão comportamentos adequados na sala.

3. Recolha dos dados

Neste ponto serão apresentados os dados da investigação e principais conclusões. Estes foram recolhidos através da realização de entrevistas a seis profissionais de educação em atividade, três educadoras de infância e três professoras de 1.º ciclo. Às seis entrevistadas foram colocadas as mesmas questões relativas ao estudo em questão. (Anexo A,B,C,D,E,F,G).

3.1. Análise dos dados recolhidos e principais conclusões

Após a recolha dos dados comecei por organizá-los, tendo em conta os procedimentos sugeridos por Bardin (1977). Iniciei esta organização através da codificação, que representa o tratamento da informação recolhida, ou seja, dos dados brutos do texto (entrevistas) foram retiradas apenas as informações necessárias através da técnica de recorte. Nem todo o texto foi tido em consideração porque existiam informações que não correspondiam, nem respondiam às questões da investigação. Assim sendo, das entrevistas só foram extraídos os enunciados que exprimiam algo relativo à análise. Este procedimento representou a técnica de recorte. Seguidamente passei à seleção das unidades de registo e de contexto, ou seja, organizei os dados recolhidos anteriormente (através da técnica de recorte) por temas eixo, em redor dos quais o discurso se organizava. Esses temas são apresentados na tabela que se segue com a denominação de categorias e subcategorias. Por fim, foi feita a frequência, que corresponde à aparição de cada unidade. Assim, sempre que a unidade se repetiu, a frequência aumentou. A frequência, na tabela escolhida para a organização dos dados, é denominada por n.º de unidades de sentido.

À medida que ia fazendo o tratamento dos dados recolhidos, seguindo as etapas apresentadas anteriormente, ia colocando esses dados numa tabela de unidades de sentido. A tabela está organizada por categorias, subcategorias, unidades de sentido, n.º de unidades de sentido (N.º U.S) e sujeitos (S). Em anexo (anexo H) encontra-se a tabela de unidades de sentido com os recortes do discurso das entrevistadas.

Tabela 1: categorias e subcategorias emergentes do discurso dos sujeitos

| Categorias | Subcategorias | N.º U.S | S |
|----------------------------------|-----------------------------|----------------|----------|
| Definição de indisciplina | Incumprimento de regras | 6 | 5 |
| | Comportamento inadequado | 4 | 3 |
| | Desrespeito pelos outros | 7 | 2 |
| | Caraterísticas das crianças | 8 | 2 |

| | | | |
|--|---|---|---|
| Fatores que originam indisciplina | Inexistência de indisciplina no jardim-de-infância | 4 | 1 |
| | Fatores inerentes à criança | 4 | 3 |
| | Práticas familiares | 6 | 5 |
| | Caraterísticas do profissional (professor/educador) | 6 | 2 |
| | Fatores externos | 8 | 1 |
| Indisciplina no jardim-de-infância (J.I) | Inexistência de indisciplina no jardim-de-infância | 2 | 1 |
| | Existência de indisciplina no jardim-de-infância | 2 | 2 |
| Estratégias de prevenção da indisciplina | Regras | 4 | 3 |
| | Ser o exemplo | 1 | 1 |
| | Conhecer cada criança e o grupo | 5 | 1 |
| | Adaptar situações | 4 | 2 |
| | Parceria com as famílias | 2 | 2 |
| Formas de agir perante a indisciplina | Definir regras em conjunto | 4 | 2 |
| | Perceber o que se está a passar com a criança | 4 | 1 |
| | Questiona a sua própria ação | 3 | 1 |
| | Castigos | 8 | 3 |
| | Trabalhos | 2 | 2 |
| | Conversas | 3 | 2 |
| A educação pré-escolar como prevenção dos comportamentos de indisciplina no 1.º ciclo | Sim, previne os comportamentos de indisciplina | 7 | 6 |
| | Ajuda na aquisição de regras | 7 | 4 |
| | Promove comportamentos de cortesia | 2 | 1 |
| Atitudes dos educadores para diminuir os comportamentos de indisciplina no 1.º ciclo | Trabalhar os comportamentos | 8 | 3 |
| | Aplicar Castigos | 4 | 2 |
| | Regras | 2 | 2 |

No que respeita à primeira questão “o que é a indisciplina?”, as entrevistadas definem-na como sendo comportamentos inadequados. Utilizam expressões como: “maus comportamentos”...”sucessivos maus comportamentos”. Também consideram que a indisciplina está relacionada com o incumprimento de regras, por exemplo: “não respeitam as regras”, com o desrespeito pelos outros e ainda associam-na a caraterísticas das crianças, por exemplo: “irrequietude”...”não conseguem estar quietos” e ainda “não sabem trabalhar em silêncio”.

Relacionando a opinião das entrevistadas com a pesquisa bibliográfica efetuada anteriormente, as definições dadas vão ao encontro do referido pelos autores. Nomeadamente Estrela (1994 e Silva 1999, citados por Moreira 2012) referem que a indisciplina se relaciona com comportamentos que violam as normas estabelecidas e que perturbem o contexto de sala de aula. Quanto ao parecer n.º3/2002 do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei n.º 241/96) a indisciplina traduz-se em comportamentos que tenham como objetivo perturbar os procedimentos de

aprendizagem que acontecem na escola, dificultando assim o exercício da função docente.

Assim, a indisciplina relaciona-se diretamente com os comportamentos considerados desadequados e que por sua vez perturbam o bom funcionamento, ou o funcionamento desejado pelos agentes de educação.

Quanto à segunda questão “que fatores acha que se encontram na sua origem?”, as três professoras entrevistadas apenas referem que os fatores originários da indisciplina são a família. Para o confirmar utilizaram expressões como: “miúdos que vêm de famílias em que os pais os deixam fazer tudo”. As educadoras também fazem referência à família, no entanto apresentam outros fatores. No que respeita a esta situação da família, Moreno e Cubero (1996, citados por Mendonça 2010) referem que os pais têm grande influência no desenvolvimento da criança, consequentemente influenciando o comportamento da mesma na escola. As características dos pais, ou seja, se são autoritários, permissivos ou democráticos vão influenciar o comportamento dos seus descendentes. Os autores supracitados referem que os pais democráticos são os que mais facilmente ajudarão as crianças a serem autocontroladas. Assim as famílias podem ser consideradas um dos fatores que desencadeia comportamentos de indisciplina.

Foram ainda referidos, pelas educadoras, outros fatores que originam a indisciplina como as características do profissional, assinaladamente “não ter paciência para ouvir”...“para atender os seus desejos” [das crianças]. É de destacar que apenas dois sujeitos referiram as características do profissional, mas que lhes dão bastante importância, sendo o número de unidades de sentido 6. Falam também em fatores externos: “ambientes que não são propícios”...“não são muito facilitadores da disciplina”...“os ambientes físicos”...“os ambientes humanos”. E os fatores inerentes à criança também são enunciados como: “aspetos temperamentais diferentes”. É verificável que os educadores alargaram o leque de razões possíveis para a existência de indisciplina na sala, colocando mesmo em causa a sua forma de agir.

Recorrendo ao parecer n.º 3/2002 do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei n.º 241/96) podemos verificar que a indisciplina pode surgir por falta de motivação por parte da criança, porque a escola para ela poderá já não ter tanta importância. Ainda fazendo referência a fatores inerentes à criança Brazelton e Sparrow (2013) referem que os comportamentos de indisciplina podem depender e surgir devido à personalidade da criança, à forma como é capaz com mais facilidade ou com mais dificuldade realizar as suas tarefas.

Algo que também é importante realçar e que se torna um fator que origina a indisciplina é a forma como o professor gere a sala de aula e regula o seu poder. (Amado e Freire 2002). Rey (2004 e Arum 2005, citados por Moreira 2002) afirmam que a indisciplina surge devido a uma desorganização da sala de aula.

Quando as três educadoras foram questionadas sobre a existência de indisciplina na educação pré-escolar uma respondeu que não existia: “indisciplina em crianças de jardim-de-infância não existe”. As restantes referiram que sim, que se podia falar em indisciplina na educação pré-escolar. Tendo como referência a pesquisa bibliográfica relativa à existência de indisciplina na educação pré-escolar DeVries (2002 citado por Franzoloso 2011) considera que existe indisciplina na educação pré-escolar. No que respeita às Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), estas referem que ao nível do comportamento é pretendido que a criança seja capaz de se integrar no quotidiano do grupo.

A questão seguinte centrou-se nas estratégias de prevenção da indisciplina. Como pode ser observado através da tabela apresentada anteriormente as entrevistadas centraram as suas respostas numa variedade de subcategorias, nomeadamente, regras, ser o exemplo, conhecer cada criança e o grupo, adaptar situações e ainda parceria com as famílias. É de realçar que as professoras, como medidas de prevenção, apenas referem a parceria com a família, não utilizando qualquer outro tipo de estratégias.

Apenas a professora C considera que as regras também podem ser uma estratégia de prevenção da indisciplina, para o confirmar a professora refere: “alerta para respeitar as regras”. Neste sentido Caldeira (2007) menciona que as regras são necessárias e o professor deve adequá-las de modo a promover o bom funcionamento das aulas. Apenas a educadora C faz referência à importância de conhecer cada criança e o grupo. Tendo por base que o n.º de unidades de sentido foi 5 pode-se verificar que, no seu entender, é algo relevante para a prevenção da indisciplina, utilizando, por exemplo, a expressão: “compreender e conhecer a criança.” Este pensamento vai ao encontro da ideia de Ballenato (2008), pois este refere que o facto de se compreender a personalidade da criança ajuda a adaptar a disciplina às qualidades individuais de cada uma.

Relativamente à categoria “formas de agir perante a indisciplina”, as professoras enunciaram respostas como castigos, trabalhos e conversas.

No que respeita aos castigos, foi dito: “castigos”...“ficam sem intervalo”...“não deixar a criança fazer aquilo que ela gosta”. Relativamente aos trabalhos: “mais trabalhos de casa” e quanto às conversas foi expresso: “conversas com as crianças”...“com os pais”. É de realçar que apenas as professoras apresentam este tipo de estratégias. Através da observação da tabela, as três professoras fizeram referência aos castigos e demonstram que estes têm grande relevância nas suas práticas pois o n.º de unidades de sentido foi 8. Para Bettelheim (2003) os castigos apenas dominam a criança, não lhes ensinam a autodisciplinar-se. Os castigos podem apenas ensinar a criança a evitar as situações que os proporcionam, a criança antes agia abertamente e depois do castigo aprende a esconder as suas ações. Não é este o objetivo pretendido, a criança não deve agir com medo do castigo, mas sim de acordo do que é correto.

Neste sentido pode-se perceber que existe uma grande diferença de estratégias utilizadas entre professores e educadores de infância. As educadoras referiram atitudes como definir regras em conjunto, perceber o que se passa com a criança e questionar a ação do profissional de educação: “será que estou paciente?”...“as minhas atividades estão a ser interessantes?”. Boarini (1998, citado por Mendonça 2010) refere que professores e educadores devem estar atentos, por exemplo, à falta de motivação dos alunos. A falta de motivação pode estar associada a comportamentos de indisciplina, neste sentido a escola ou jardim-de-infância pode não estar a suprir as necessidades das crianças.

Quanto à questão “uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal?”, todas as entrevistadas responderam afirmativamente. Por exemplo: “tenho a certeza”...“acho que sim”...“não na base do medo”.

Relativamente a esta temática, Stefan e Miclea (2010 citados por Franzoso 2001) referem que a educação pré-escolar é um local que oferece os melhores momentos para trabalhar os comportamentos e para prevenir futuros comportamentos de indisciplina na escola. Ainda as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997) referem que a educação pré-escolar deve favorecer atitudes que facilitem a transição.

As profissionais de educação referem ainda que a educação pré-escolar ajuda na aquisição de regras designadamente: “já está habituado a algumas regras”...“estabelecer regras comportamentais”. Também referem que promove comportamentos de cortesia: “pedir desculpa”...“se faz favor”.

Refletindo sobre a última categoria “atitudes que os educadores possam ter para diminuir os comportamentos de indisciplina no 1.º ciclo”, é novamente notório que as professoras se centram essencialmente nos castigos e nas regras. Relativamente aos castigos apenas duas professoras os referem, mas dão-lhes bastante ênfase, pois o n.º de unidades de sentido é 4. Também as professoras referem as regras: “respeitar regras”. As educadoras centraram-se em atitudes como trabalhar os comportamentos, ou seja: “dizer obrigado”...”aprender a autocontrolar-se”...”saber esperar pela sua vez de falar”...”ouvir”.

Tendo como referência as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), a criança terá que adotar determinados comportamentos, por exemplo: ser capaz de aceitar as regras de comportamento, saber esperar pela sua vez de falar, escutar os colegas e compreender e seguir orientações e ordens.

Em jeito de conclusão, todas as questões colocadas foram respondidas pelas entrevistadas e posteriormente as suas respostas foram confrontadas com as ideias de diversos autores. Com esta análise fiquei a perceber o que é entendido por indisciplina e concluo que tanto as professoras como as educadoras também têm conhecimento da sua definição. Ao observar as respostas obtidas é de realçar que a partir da segunda questão começa-se a verificar um divergir de opiniões entre os dois grupos de profissionais. Por exemplo, nos fatores que originam a indisciplina e nas estratégias de prevenção da mesma, as professoras centram-se somente no fator família.

Pode-se verificar que as três profissionais, relativamente a estes dois pontos, encontram-se muito focalizadas nas variáveis externas. As educadoras, por sua vez, destacam outros fatores, nomeadamente inerentes à criança, ao profissional, fatores externos, entre outros. Assim, com este estudo, tomei contacto com diversos fatores que originam a indisciplina

Ao analisar os dados recolhidos, no que respeita às estratégias de prevenção da indisciplina, percebi que existem várias. Se o educador/professor tiver em atenção as diversas estratégias e as tentar aplicar com os seus grupos, podem ter resultados na prevenção da indisciplina. Por exemplo: conhecer cada criança e o grupo, adaptar as situações do dia-a-dia e ser o exemplo. Portanto, concluo que cabe ao professor/educador estar atento e ter a capacidade de, tendo como referência o seu grupo, encontrar as melhores estratégias para prevenir possíveis situações de indisciplina.

Através da pesquisa bibliográfica recolhida, por exemplo, percebi que tanto nas estratégias de prevenção da indisciplina como nos fatores que originam a indisciplina a família tem grande importância e pode influenciar a forma como a criança age na sala. Contudo a forma como o profissional de educação gere a sua sala também pode contribuir para o maior ou menos surgimento de comportamentos de indisciplina.

Quanto à existência ou não de indisciplina na educação pré-escolar, tendo em conta que esta diz respeito a comportamentos que tenham como objetivo perturbar o funcionamento da sala, percebi que realmente se pode falar em indisciplina neste contexto. Existindo indisciplina neste e em outros contextos é necessário encontrar formas e estratégias de agir para quando os professores e educadores se depararem com estas situações. É de realçar que novamente as três professoras, ao contrário das educadoras, que se centram apenas nos castigos e nos trabalhos. Independentemente destas respostas, fiquei a saber, através da pesquisa bibliográfica, que os castigos não são uma boa forma de agir perante a indisciplina. Os castigos apenas reprimem os sentimentos das crianças e não as ajuda a conseguir autocontrolar-se e a agir conforme o que consideram ser o mais correto. Existem outras formas de agir, nomeadamente: definir regras em conjunto com o grupo e fazê-las cumprir, estar atento e perceber o que se poderá estar a passar com a criança para ter aquele tipo de comportamentos e o educador/professor deve refletir sobre as suas práticas e perceber se o seu trabalho está a ir ao encontro das necessidades do grupo.

Concluí ainda que a educação pré-escolar ajuda na preparação da criança para a educação formal. No pré-escolar as crianças vão trabalhando, por exemplo, no sentido de conseguir esperar pela sua vez de falar, escutar os colegas, seguir orientações e ordens, comportamentos também exigidos na educação formal.

Com a recolha destes dados, concluo que alarguei o meu leque de estratégias e acima de tudo fiquei a perceber o quanto é importante prevenir certos comportamentos. Para que exista essa prevenção é necessário que o educador/professor consiga refletir sobre o seu trabalho e conhecer cada criança e o seu grupo no geral. A educação pré-escolar proporciona experiências às crianças que as prepara para o 1.º ciclo e as ajuda a aceitarem a nova etapa das suas vidas.

Considerações Finais

A construção deste relatório final de curso representa um resumo das aprendizagens e do meu percurso de desenvolvimento ao longo do mestreado em educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico. Os estágios desenvolvidos nos diferentes contextos foram uma grande mais-valia, porque através deles pude contactar com várias situações da prática, quer do educador, quer do professor.

Foram diversas as aprendizagens desenvolvidas ao longo dos estágios. Relativamente ao estágio em educação pré-escolar evolui bastante no que respeita à organização do grupo, chegando mesmo a conseguir planear e executar uma saída ao exterior com todas as crianças. Aprendi a gerir o tempo das atividades de modo a não sobrecarregar as crianças com demasiadas atividades orientadas. Esta aprendizagem surgiu quando realmente compreendi a importância da brincadeira livre.

No que respeita ao 1.º ciclo, as maiores evoluções centraram-se na capacidade de não utilizar apenas o manual e procurar estratégias diversificadas, quer através de materiais manipuláveis, quer através de jogos, ou mesmo dando sempre oportunidade às crianças para exporem as suas dúvidas e explicarem os seus raciocínios.

Ao nível da creche, destaco a minha capacidade de ir procurando alcançar os objetivos sempre com atividades que proporcionassem momentos de puro bem-estar e envolvimento às crianças. Também fui ao longo do tempo percebendo a importância das rotinas e incentivando as crianças a participarem ativamente em tudo o que lhes dizia respeito nesses momentos.

Com o contributo de todos os estágios considero que fui aperfeiçoando a minha forma de planificar, tendo sempre em conta as características do grupo. Percebi a real importância de avaliar a criança para poder conseguir perceber se o trabalho que desenvolvia estava a ir ao encontro das necessidades da criança. Os estágios também contribuíram para poder colocar em prática algumas aprendizagens adquiridas no decorrer das aulas.

O sucesso de minha evolução ao longo dos estágios não se deveu apenas à minha vontade infinita de aprender com o outro, de escutar os profissionais do terreno, mas também graças à forte articulação que existe entre a prática e a teoria. Os preciosos ensinamentos teóricos, transmitidos pelos professores da escola que eu escolhi para investir na minha formação inicial facilitaram-me e ajudaram-me ao planificar, tendo sempre em mente as necessidades do grupo. Alertaram-me para a importância de

refletir para poder mudar e aperfeiçoar as minhas práticas. Também me elucidaram sobre a importância de ser uma eterna estudante, pois diariamente tenho que me aperfeiçoar. Para que isso aconteça, é preciso que, após a conclusão da formação inicial, continue a pesquisar, a ler, a observar, nunca perdendo esta “sede” imensa de evoluir e de corresponder da melhor forma aos desafios a que me proponho enquanto futura profissional da educação.

Foi através dos estágios de intervenção e da capacidade de me questionar e refletir que consegui chegar à minha questão de investigação. Através da investigação consegui dar respostas às minhas questões iniciais: “o que é a indisciplina?” “O que pode ser feito para prevenir comportamentos de indisciplina” “Como ajudar a criança a autocontrolar-se” e “Qual o contributo da educação pré-escolar na prevenção de situações de indisciplina na educação formal?”.

Percebi que a indisciplina está relacionada com a incapacidade da criança lidar com as suas emoções e frustrações, o que despoleta comportamentos desadequados. Para que esses comportamentos de indisciplina não surjam com tanta frequência, é necessário atribuir limites, que transmitem segurança à criança e proporcionam aprendizagens. A disciplina é sinónimo de aprendizagem e essa aprendizagem traduz-se na capacidade de a criança se autocontrolar. Por sua vez, autocontrolo só é conseguido com a ajuda do adulto. Trata-se de um longo percurso porque a criança tem de aprender a lidar com as suas emoções. De modo a ajudar a criança, o adulto deve implementar regras que a criança consiga cumprir. Sempre que possível essas regras devem ser construídas, tendo em conta algumas opiniões dos alunos. O profissional de educação deve assumir uma postura de autoridade, tentando ser sempre o mais assertivo possível, no sentido de respeitar as crianças para ser respeitado, ter a capacidade de censurar os comportamentos e nunca a criança, ajudando assim os mais pequenos a crescerem com limites.

Outro aspeto muito importante centra-se na capacidade de o professor/educador conhecer cada criança para que possa agir antes das situações de indisciplina poderem surgir. Por exemplo, se o adulto alertar a criança que apenas terá “X” minutos para terminar a tarefa que está a realizar e se lhe explicar porque é que o tem de fazer a criança certamente mentalizar-se-á de que aquilo que lhe pode estar a dar prazer realizar vai ter de terminar e passar para outra tarefa. Quando se estiver a aproximar a hora, o adulto deve novamente alertar a criança. Esta atitude ajuda a criança nas transições que, muitas vezes, são a razão do surgimento dos comportamentos de indisciplina.

Concluí ainda que os castigos não devem ser um recurso utilizado para ajudar o adulto na promoção de disciplina na sala. Os castigos apenas reprimem os sentimentos da criança e não a ajudam a perceber porque errou e qual deverá ser a sua atitude quando se voltar a deparar com determinada situação.

É de realçar que a educação pré-escolar é fundamental, proporcionando à criança experiências ricas e diversificadas. No pré-escolar, as crianças começam a ter contacto com alguns comportamentos adequados para serem praticados dentro da sala, o que facilitará a sua integração quando transitarem para o 1.º ciclo.

Todo este percurso contribuiu para o meu crescimento, proporcionando-me o contacto com pessoas diferentes, ajudando-me a lidar com situações da prática, quer ao nível da educação pré-escolar, quer ao nível do 1.º ciclo. Ainda consegui compreender que o sucesso só é alcançado se a minha ação for praticada em uníssono com os conhecimentos teóricos adquiridos, nunca esquecendo que em primeiro lugar está o bem-estar da criança.

Em suma, para compreender melhor as situações com que me deparar há que reencontrar a criança que existe em mim para conseguir compreender as crianças com quem vou trabalhar.

Referências Bibliográficas

- × Amado, J. & Freire, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA
- × Araújo, C; Pinto, E; Lopes, J; Nogueira, L & Pinto, R. (2008). *Métodos de Investigação em Educação – Estudo de Caso*. Acedido em abril 28, 2015 em http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf
- × Ballenato, G. (2008). *Educar sem gritar*. Lisboa: A Espera dos Livros
- × Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. França: Edições 70
- × Bettelheim, B. (2003). *Bons Pais: o sucesso na educação dos filhos*. Lisboa: Bertrand Editora
- × Branco, M. (2013). *Vida, Pensamentos e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Coisas de Ler
- × Brazelton, T & Sparrow, J. (2013). *O Método Brazelton – A criança e a disciplina*. Lisboa: Editorial Presença
- × Caldeira, S. (2007). *(Des)ordem na escola – mitos e realidades*. Coimbra: Quarteto
- × Conselho Nacional de Educação. (2009). *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: CNE
- × Costa, D. (2012). *A escola e a indisciplina: partindo de um caso rotulado*. Acedido em junho 15, 2014, em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4748>
- × Espinha, A. (2008). *A comunicação não verbal na relação entre pais e filhos em contexto escolar*. Acedido em maio 15, 2015 em <http://ria.ua.pt/handle/10773/3721>
- × Estrela, A. & Ferreira, J. (2002). *Violência e Indisciplina na escola*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- × Estrela, M. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora
- × Franzoloso, M. (2011). *Existe indisciplina na educação infantil?* Acedido em maio 20, 2015, em http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5828_2592.pdf
- × Houssaye, J. (1996). *La pédagogie: une encyclopédie pour aujourd'hui*. Paris: ESF

- × Mendes, F. (1998). *Fatores associados a comportamentos de (in)disciplina na sala de aula*. Acedido em abril 14, 2015, em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/780>
- × Mendonça, Sandra. (2010). *(In)disciplina escolar: visão de professores e os modelos de lidar*. Acedido em junho 22, 2014. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39547/000825081.pdf?sequence=1>
- × Ministério da educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar
- × Moreira, Laura. (2012). "A (in)disciplina na transição da educação pré-escolar para o ensino do 1.º ciclo do ensino básico: implicações na qualidade das aprendizagens e no desempenho docente". Acedido em maio 21, 2014, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23936/1/Laura%20Manuela%20das%20Neves%20Macedo%20Moreira.pdf>
- × Parecer 3/2002 do CNE (Conselho Nacional de Educação). Diário da República n.º 68 – Série II
- × Portugal, G. (s.d). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Universidade de Aveiro: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade
- × Sá, Maria T. C. A. e. 2005. "Educar para Desenvolver: A Psicologia na Educação", *Revista da Escola Superior de Educação de Santarém*, 12: 89 - 95.
- × Silva, C. (2014). *Êxito ou fracasso: produção normativa no combate à indisciplina na organização escolar*. Acedido em abril 28, 2015 em <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/2929>
- × Vasconcelos, T. (Coord.) (2011). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Ministério da Educação e Ciência – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Anexos

Anexo A

Guião de entrevista – educador(a) de infância

O meu nome é Vanessa Paulino e estou a realizar o meu trabalho final de curso em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Santarém. Esta entrevista tem como principais objetivos perceber o que é a indisciplina nas primeiras idades e quais as estratégias utilizadas pelos agentes educativos para a prevenir.

Solicito então a sua colaboração na resposta às seguintes questões, tendo por base a sua realidade.

Este relatório é orientado pelo Professora Doutora Sónia Seixas.

As respostas e a sua identidade são confidenciais e desde já agradecemos a sua disponibilidade, pois trata-se de uma preciosa ajuda para a concretização do meu Relatório Final.

Obrigada!

Sexo: Feminino Masculino

Educador(a) de infância

Faixa etária de: _____

Anos de serviço: _____

1. O que é para si a indisciplina?
2. Que fatores acha que se encontram na sua origem?
3. Acha que se pode falar em indisciplina na educação pré-escolar? Em que medida?
4. Na sua opinião o que pode ser feito para prevenir a indisciplina? ¹
5. Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal? Em que medida?
6. Costuma preparar as suas crianças nesse sentido? De que forma?

¹ Caso a resposta seja demasiado redutora, acrescento a questão: E concretamente com o seu grupo de crianças/alunos, como acha que essa prevenção pode ser feita?

Guião de entrevista – professor(a) de 1.º ciclo

O meu nome é Vanessa Paulino e estou a realizar o meu trabalho final de curso em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Santarém. Esta entrevista tem como principais objetivos perceber o que é a indisciplina nas primeiras idades e quais as estratégias utilizadas pelos agentes educativos para a prevenir.

Solicito então a sua colaboração na resposta às seguintes questões, tendo por base a sua realidade.

Este relatório é orientado pelo Professora Doutora Sónia Seixas.

As respostas e a sua identidade são confidenciais e desde já agradecemos a sua disponibilidade, pois trata-se de uma preciosa ajuda para a concretização do meu Relatório Final.

Obrigada!

Sexo: Feminino Masculino

Professora: 1.º ano 2.º ano 3.º ano 4.º ano

Anos de serviço: _____

7. O que é para si a indisciplina?
8. Que fatores acha que se encontram na sua origem?
9. Como atua e quais as estratégias que utiliza quando se depara com comportamentos de indisciplina?
10. Na sua opinião o que pode ser feito para prevenir a indisciplina?²
11. Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal? Em que medida?
 - 11.1. O que acha que os educadores de infância podem fazer com a s suas crianças para diminuir os comportamentos de indisciplina na sala de aula ao nível do 1.º ciclo?

² Caso a resposta seja demasiado redutora, acrescento a questão: E concretamente com o seu grupo de crianças/alunos, como acha que essa prevenção pode ser feita?

Anexo B

Entrevista à educadora A

Educadora de infância

Sexo: Feminino

Grupo de criança com: 3, 4 e 5 anos de idade

Anos de serviço: 38

Vanessa: Para si o que é a indisciplina?

Educadora A: Indisciplina?

Vanessa: Sim

Educadora A: Indisciplina genericamente é o não conseguir cumprir com as regras sociais, com as regras de um grupo seja ele qual for. Indisciplina em crianças de jardim-de-infância não existe porque o educador tenta ganhar o grupo para com ele definir as regras e uma vez que as regras são definidas com apoio da educadora mas com o consenso do grupo logo no início do ano, é muito difícil encontrar situações de indisciplina. Uma vez que as regras das rotinas, do respeito pelo outro não provocam indisciplina porque foram eles próprios que criaram as suas próprias regras, portanto integram-nas durante o mês de setembro até meados de outubro e a partir daí o ano decorre normalmente. Não sei se respondi à tua questão.

Vanessa: Sim e ia mais à frente perguntar se acha que se pode falar em indisciplina em educação pré-escolar?

Educadora A: Não Vanessa é assim na minha ótica e com 38 anos de experiência no terreno acho que não há indisciplina na educação pré-escolar, há regras bem definidas. O que nós encontramos é crianças com temperamentos diferentes e para cada criança com um temperamento diferente que o educador estuda desde o início do ano quando recebe o grupo têm tratamentos diferentes e portanto vai adaptando a forma de lidar com cada uma das crianças e com o grupo no seu todo sabendo que as crianças têm processo de afirmação, de autonomia, de criatividade em diferentes fases das suas faixas etárias, podem ter aos 3, aos 4 ou aos 5 e o educador ao estar preparado e aberto para as diferentes propostas da criança nesse sentido não tem situações de indisciplina. Tem é uma variedade de comportamentos que tem que se

ajustar dia após dia ao grupo no seu todo, porque a educação pré-escolar não é um quartel onde os tropas têm de fazer os passos à mesma hora, todos ao mesmo tempo, é um espaço onde a criança vai descobrindo-se, descobrindo os materiais e descobrindo os outros de uma forma crescente, complexificada com a ajuda do educador para ser cada vez mais complexa e organizada o seu desenvolvimento e maturidade.

Vanessa: Então o que pode ser feito para prevenir essa indisciplina é este estabelecimento de regras logo desde o início?

Educadora A: É assim, é partindo do pressuposto que poderia haver indisciplina em crianças com uma faixa etária tão baixa, o definir das regras de funcionamento do grupo é fundamental ser feito em grupo e com o grupo o que não quer dizer que ao longo do ano não haja necessidade de ir modificando algumas das regras até porque o evoluir de cada uma das faixas e de cada uma das crianças pode obrigar a ajustes das regras criadas inicialmente. Vou-te dar um exemplo, tens a área da expressão em termos de criatividade, da chamada casinha das bonecas, que eu não gosto de lhe chamar assim porque é uma área de criação espontânea, onde a criança reproduz as situações do adulto estipula-se no início do ano que estarão neste espaço X crianças por X tempo, mas imagina que no 2.º período se justifica um tempo mais prolongado das crianças mais pequenas neste espaço, então temos que em grupo de discutir e alterar a regra, mas quem diz esta diz outras que vão tendo que ser adaptadas ao longo do tempo.

Vanessa: Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal?

Educadora A: É assim, eu não acho, eu tenho a certeza, agora temos que ter aqui em linha de conta outros parceiros com quem trabalhamos, nomeadamente a família, que é as regras de rotina no jardim-de-infância são criadas pelo educador e com o grupo das crianças em cada um dos anos letivos. Se a família não tiver conhecimento da necessidade que a criança tem em qualquer idade de ter balizas para os seus comportamentos, de tanto poder ouvir um sim como um não e que o não, não tem de ser obrigatoriamente a negação dos pais perante o amor que têm à criança, é um não organizador. Se a família participar nesta forma de estabelecer regras comportamentais e hábitos do saber estar com outros no mesmo espaço em simultâneo com o que a criança vai adquirindo no jardim não tenho dúvidas de que estamos a prevenir comportamentos desviantes, indisciplina, não só para o primeiro ciclo mas para o futuro porque são crianças que crescem e se desenvolvem com

estabilidade emocional porque a organização dá-lhes segurança. Uma criança em que se deixe livremente durante um dia inteiro a fazer o que quer é uma criança que fica excitada e triste dia após dia porque se sente abandonada, precisa de estruturas que a ajudem a estabilizar. Não sei se respondia à tua questão, mas eu acho que a fase de desenvolvimento dos 0 aos 5/6 anos é fundamental e estruturante para uma criança no futuro, mas temos de contar com a educação pré-escolar e com a família, situação pela qual eu durante os anos que estive no terreno sempre trabalhei com as crianças e fiz obrigatoriamente encontros de pais no mínimo, três por ano, para explicitar a filosofia educativa de cada um dos períodos e de cada nova etapa do desenvolvimento de cada projeto e das regras.

Vanessa: Então costuma preparar as suas crianças nesse sentido também muito através da participação dos pais?

Educadora A: Não pode ser de outra maneira porque a criança não vive dentro de uma redoma durante três anos num jardim-de-infância. A criança vive uma pequena parte da sua vida no jardim-de-infância, cada vez mais horas, que tenho muitas dúvidas também sobre isso, mas cada vez mais horas no jardim-de-infância não é o tempo todo, o resto do tempo está inserida na família e numa comunidade que rodeia a própria família. Uma comunidade de consumo, ou menos consumo, uma comunidade mais urbana, uma comunidade mais rural. Tudo isto tem que ser tido em linha de conta, no contexto em que se trabalha um grupo de crianças, para quebrar défices que possam existir em cada uma das comunidades, em cada uma das famílias, relativamente a prevenir situações de comportamento menos ajustado, ou de indisciplina como tu lhe chamas, ou no futuro mesmo situações desviantes. E portanto tem que ser trabalhado em simultâneo, com a criança, com a família, tendo sempre em linha de conta o contexto em que se insere aquele jardim-de-infância para o valorizar por um lado, para a criança não sentir que o jardim-de-infância, a educadora e a educação pré-escolar estão longe daquilo que é a cultura onde ela se está a desenvolver e por outro para poder acrescentar valores universais que possam eventualmente estar deficitários na comunidade onde está integrado o seu jardim.

Vanessa: Obrigada.

Anexo C

Entrevista à educadora B

Educadora de infância

Sexo: Feminino

Grupo de criança com: 4/5 anos

Anos de serviço: 26

Vanessa: O que é para si a indisciplina?

Educadora B: A indisciplina para mim é essencialmente a falta de aquisição de regras básicas ou a sua má interpretação que muitas vezes leva a comportamentos desajustados dentro do próprio grupo.

Vanessa: Que fatores acha que se encontram na sua origem?

Educadora B: Esses fatores são variados, podem ser fatores inerentes à própria criança, como por exemplo a irrequietude que leva a que muito do que é dito à criança não seja assimilado, pela sua ... não conseguem estar quietos, não conseguem ouvir e é muito mais difícil que adquiram regras, a falta de consistência por parte do adulto na transmissão dessas mesmas regras também é um fator muito importante porque muitas vezes o adulto diz: “hoje não podes fazer isto” e leva a decisão até ao fim, mas amanhã até estou aborrecido, não estou para me estar a aborrecer mais, digo, até pode... aceito, portanto esta falta de consistência leva a que a criança não tenha o seu equilíbrio. E a própria família, portanto a própria família é muito, é muito importante em meu entender na consistência destas regras e nesta indisciplina, porque muitas vezes tornam-se condescendentes porque é mais fácil dizer um sim do que manter um não, pronto e aceitar uma birra e enfrentar uma birra e falamos neste caso de crianças de 4/5 anos que é o meu caso e é a idade em que fazem birras e querem manter a sua personalidade e o seu sim e o seu quero.

Vanessa: Acha que se pode falar em indisciplina na educação pré-escolar? Em que medida?

Educadora B: Sim, de certa forma acho que sim, portanto quando uma educadora tenta transmitir e consolidar essas regras, e as mesmas não são respeitadas na sua totalidade por algumas crianças e sistematicamente eles incorrem nos mesmos erros, i

independentemente de serem chamados à atenção, esta falta de cumprimento de regras leva a um desequilíbrio do grupo que podemos falar mesmo de indisciplina pronto. Eu acho que neste momento em meninos de 4 anos, a minha experiência agora, diz-me que os meninos aos 4 anos já são indisciplinados, à uns anos atrás eu não diria isso, mas agora já digo.

Vanessa: Na sua opinião o que pode ser feito para prevenir a indisciplina?

Educadora B: É precisamente manter essa consistência, estar atento aos comportamentos da criança e definir regras e definir realmente aquilo que eu quero para aquela criança, como mãe para o meu filho, como educadora para o meu grupo de crianças, o que é que eu valorizo na educação, porque eu também... ser o exemplo, também nós temos que ser muito o exemplo.

Vanessa: O que é que costuma fazer concretamente com o seu grupo nesse sentido?

Educadora B: É essencialmente o definir regras com eles. Definir as regras, e essas regras são criadas com estratégias de trabalho, brincadeira, com registos feitos mesmo com eles em sala, em reunião de grupo, em que depois vamos fundamentar através do diálogo com eles o que é que cada uma das regras quer dizer e quais as consequências do não cumprimento e o que é que, qual a importância de mantermos essas regras e depois ser persistente na sua aplicação e exigir que a criança cumpra. O seu cumprimento, portanto ser exigente no cumprimento das regras, que eles cumpram realmente e acho que é muito, muito importante.

Vanessa: Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal? Ao nível do 1.º ciclo.

Educadora B: Acho que sim. Acho que sim desde que essa preparação seja feita de forma consolidada e não na base do medo. Pronto, muitas vezes o que nós fazemos é... há pessoas que em termos de sala de aula estão e as crianças têm medo, têm o que se diz respeito, têm muito respeitinho à educadora, ou têm muito respeitinho ao pai, ou tem muito respeitinho, e isso não passa de medo, e aí quando saem deste espaço onde estão e vão para a escola, não serviu de nada, agora quando essas regras são trabalhadas, quando esses comportamentos são trabalhados e estão devidamente consolidados e aí cabe-nos a nós educadores fazê-lo, mais um vez como eu digo, pelo exemplo, pela insistência, porque muitas vezes nós preocupamo-nos tanto com as atividadezinhas, fazer isto, fazer aquilo, fazer “acoloutro”, fazer “acoloutro”, não olhamos para a forma como eles estão sentados, para a importância que é eles estarem sentados, para a importância de estarem a ouvir o amigo, o pedir

desculpa, o se faz favor e se nós insistirmos, insistirmos, insistirmos nesse tipo de coisas eu estou convencida de que sim, mas tem que ser um trabalho conjunto também sempre e feito em paralelo com a família e fazer com que a família perceba e ter conversas com a família, no sentido da família perceber a importância que é esse estabelecimento de regras, precisamente para isso, para a entrada no 1.º ciclo.

Vanessa: Então costuma preparar as suas crianças nesse sentido?

Educadora B: Sim, sim, sim, tento o mais possível que isso aconteça, tento o mais possível que isso aconteça.

Vanessa: De que forma?

Educadora B: Través precisamente disso, da concretização de fazer esse tipo de trabalho que eu estava a dizer, faço isso sempre adequando a cada faixa etária que é o trabalhar as regras, porque a uma criança de 3 anos nós podemos exigir, podemos pretender que consiga estar sentada no tapete, a uma criança de 4 anos já podemos pretender que consiga estar sentada e calada e fazer todo este tipo de trabalho ao longo do percurso pré-escolar com eles a nível de todo o tipo de regras. Das regras básicas de convivência, a nível social de interação com os amigos, com os pares, interação com os adultos, do fazer recados, saber ir fazer um recado, portanto todas essas coisas são muito importantes para este trabalho porque o facto de eles saberem sair da sala como deve de ser, ir à cozinha buscar o pacote das bolachas, para comerem a bolachinha na sala e voltar como deve de ser, bater à porta, dizer obrigado, se faz favor, isso são tudo regras muito importantes que em meu entender vão prevenir e prepará-los para uma vida futura e prevenir a indisciplina.

Vanessa: Obrigada.

Anexo D

Entrevista à educadora C

Educadora de infância

Sexo: Feminino

Grupo de criança com: 3,4 e 5 anos

Anos de serviço: 35

Vanessa: O que é para si a indisciplina?

Educadora C: É assim, em termos teóricos a indisciplina é um comportamento desadequado e que não está em conformidade com as regras de funcionamento da maioria do grupo, da turma.

Vanessa: Que fatores acha que se encontram na sua origem?

Educadora C: É assim, daquilo que eu penso em termos... penso que tem a ver com uma questão educacional e muitas vezes... é assim desde que uma criança nasce é preciso que tenha rotinas que ajudem a controlar os seus impulsos básicos, no fundo no princípio quando são bebés é a alimentação, é o sono, mas depois a pouco e pouco vai, a criança vai vivenciando outro tipo de experiências e se houver da parte dos adultos um comportamento firme, afetivo e securizante a criança também vai conseguindo perceber como é que os seus impulsos se adequam aos contextos onde está. Quando esse aspeto educacional desde o princípio, não é muito adequado, eu acho que a criança vai crescendo com dificuldade em situar-se no seu contexto, e portanto surgem as birras desadequadas, não é que fazer birras seja mau quando é em determinadas idades, mas depois a criança tem que passar para um estágio diferente e quando chega ao jardim-de-infância já deve ser capaz de controlar um bocadinho os seus impulsos básicos. Saber que pode partilhar com os outros, saber que tem que cumprir algumas regras e isso vem de trás, portanto eu acho que há um aspeto educacional que está presente desde o comportamento da pessoa é que é básico, é uma coisa ali que ou existe a partir do nascimento ou fica comprometido. Às vezes os pais cedem muito quando eles são ainda muito pequeninos e depois a certa altura acham que eles já estão crescidos à que contrariar, contrariar e isso faz com que a criança também fique um bocadinho perturbada e não consiga perceber a lógica, porque é que de repente tem que mudar o comportamento se não percebeu porquê

antes. E para além dos aspetos educacionais às vezes há aspetos temperamentais da própria criança que levam a que os adultos também tenham interações menos adequadas face a esses temperamentos mais exagerados e que causam mais indisciplina, falta de cumprimento das regras e eu acho que é e quando as crianças de facto em termos temperamentais têm algumas características que vão contra aquilo que são as regras do contexto, a forma de funcionamento do contexto onde estão que os pais têm que ter uma intervenção de facto muito adequada, muito no sentido de os ajudar a encaminhar para os comportamentos que são previstos e às vezes há estratégias várias que se podem utilizar. Mas portanto é isso, eu acho que há fatores temperamentais que são da própria pessoa e há fatores que são educacionais e que são influência do contacto com os outros desde os mais pequeninos, desde que são pequeninos. Depois às vezes há os ambiente que não são propícios a que as pessoas estejam bem, às vezes há ambientes que têm excesso de poluição sonora, há ambientes que não são afetuosos e securizantes para as crianças, há ambientes com materiais muito estimulantes, há ambientes que não têm em si condições de qualidade, para que as pessoas façam um percurso com calma e com tranquilidade e com segurança e portanto isso depois às vezes também potencia e indisciplina, e às vezes na escola os ambientes não são muito facilitadores da disciplina, quer os ambientes físicos, quer os ambientes humanos, e isso às vezes são fatores externos à criança que potenciam comportamentos menos adequados.

Vanessa: Os ambientes humanos em que sentido?

Educadora C: As interações entre as pessoas, por exemplo se tu chegas a uma escola onde o pessoal se dá mal entre si, se as pessoas não gostam de estar lá, se passam a ideia de que é um “frete” cada vez que vêm para a escola, se quando se relacionam com uma criança não têm paciência para a ouvir, para atender os seus desejos, para estar disponíveis inteiramente para vivenciar aquelas horas que estão no contexto de jardim-de-infância ou de escola é normal que a criança depois também se sinta um bocado desmotivada, desapontada e que crie comportamentos que são mais de chamadas às vezes de atenção ou de conflito, ser mais conflituosa com os outros colegas e com o grupo e com os adultos, às vezes também. Portanto eu penso que as interações humanas, até mais que os aspetos materiais são muito importantes no contexto escolar, a forma como uma educadora ouve cada criança, como dá espaço a cada um, como não é, não tem uma atitude privilegia mais uns que outros, como promove a autoestima, tudo isso é muito importante para que a criança se sinta bem naquele contexto e portanto esteja tranquilamente a fazer as atividades a fazer aquilo que pode fazer num contexto de jardim-de-infância.

Vanessa: Acha que se pode falar em indisciplina na educação pré-escolar? Em que medida?

Educadora C: É assim eu... eu penso que se calhar poder falar pode, se considerarmos que indisciplina é tudo o que são comportamentos não adequados num contexto de jardim-de-infância em termos de não cumprimento de regras de funcionamento normais. Eu não tenho muito essa experiência e acho que é assim, eu parto sempre do princípio, quando há uma criança que está a ter situações de indisciplina penso duas coisas, ou o que é que não está bem com ela em termos, se calhar físicos, é a primeira coisa que eu penso é fisicamente será que alguma coisa não está bem com ela?, será que está a ouvir bem?, será que lhe dói alguma coisa?, pronto, será que há alguma perturbação do estro, também da saúde mental, é importante ter aqui em conta e depois... isso é o meu primeiro pensamento, o que é que não está bem física e psicologicamente com ela que a faz ter chamadas de atenção. E depois tenho outro pensamento, o que é que está neste contexto à volta que está a fazer com que ele tenha estes comportamentos. Há outras crianças que fazem algum tipo de pressão sobre ela? Como é que está a relação humana neste contexto de forma a que ela se sinta aceite, tenha espaço a desenvolver as suas... os seus desejos, as suas atividades, por forma a sentir-se motivada, porque uma criança que esteja motivada e interessada em fazer coisas, em fazer atividades tem menos, acho eu menos tendência para criar conflitos e indisciplina. E portanto é assim, eu acho que se pode sempre tentar compreender porque é que as coisas estão a correr mal, com aquela criança ou aquele grupo, agora estou a falar de uma criança mas às vezes isto depois também se pega ao grupo, não é? No fundo também se transmite a todo o grupo e então alguma coisa não está certa, se calhar qual é a minha atitude? tenho sempre que pensar será que eu estou paciente? Será que eu estou com capacidade de conter também aquilo que as crianças têm para mostrar, para dizer, para fazer, será que as minhas atividades estão a ser interessantes para as crianças? Eu acho que é preciso nós colocarmos também sempre um bocadinho em questão porque a indisciplina não é só da pessoa, também é do contexto no meu entender, portanto tem que sempre se por as coisas dos dois lados.

Vanessa: Então o que pode ser feito para prevenir a indisciplina é ter em conta todo o espaço que rodeia a criança?

Educadora C: Eu acho que sim, perceber, tentar compreender e conhecer a criança, perceber quais são os seus principais desejos, motivações, perceber quais são os aspetos e as horas do dia em que ela está mais indisciplinada ou menos calma,

porque às vezes isso acontece e às vezes até está relacionado com questões físicas, perceber quais são as situações. Tentar compreender a situação e depois perceber como é que eu posso aqui agir para que isto não aconteça, porque às vezes até nós sabemos que se calhar ela está sempre mais agitada ou que cria mais indisciplina quando está no recreio, então o que é que se tem que fazer aqui neste tempo, para que as coisas não sejam assim? Cria mais indisciplina quando é na hora de estar no grande grupo a ouvir uma história? Então o que é que eu tenho que fazer aqui para que esta situação seja controlada, não é? É uma questão de também planificar a nossa intervenção a agir antes das coisas acontecerem não é? E definir prioridades e se calhar é mais importante fazer-se perceber que uma criança tem tendência a mexer-se mais, a não cumprir tanto as regras, precisa de atividades para libertar essas emoções e esses impulsos então se calhar mais vale fazer esse tipo de atividades com essa criança e tentar fazer menos as outras atividades que ela ainda não consegue, para depois ir também conseguindo a pouco e pouco que ela faça as outras, não é? Porque também temos que lhes dar possibilidades de autocontrolo a partir de uma grande atitude de aceitação exterior, importante é que ela vá percebendo os limites exteriores para depois ir ganhando interiormente esse autocontrolo e portanto é um bocado agir antes que as situações aconteçam. Prevenir.

Vanessa: Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal?

Educadora C: Eu acho que sim. Sempre evidentemente que uma boa educação na educação pré-escolar ajudar, dar à criança ferramentas para ela saber melhor lidar com todas as suas capacidades de expressão e comunicação, porque no fundo a indisciplina está no campo da comunicação com os outros não é? E da formação pessoal e social, do ter comportamentos, dos valores, tudo isso, mas também muito da comunicação e da expressão portanto acho que a educação pré-escolar, penso que tem um papel importante. Depois muitas vezes há uma descontinuidade grande entre o jardim-de-infância e o primeiro ciclo e as regras do primeiro ciclo nem sempre são, ou a forma de funcionamento do primeiro ciclo, ou o que o primeiro ciclo valoriza em termos de competências das crianças, nem sempre são as mesmas que são valorizadas no pré-escolar e portanto há muitas crianças, na minha opinião, que têm ali um primeiro embate que pode, dependendo das crianças, da forma como lidam com essas frustrações iniciais promover depois comportamentos que no jardim-de-infância não eram desadequados e depois no primeiro ciclo passam a ser, depende também do ponto de vista dos adultos não é? Porque por exemplo no pré-escolar acho interessantíssimo que tenham ideias e que falem, apesar de terem que aprender a

esperar pela sua vez de falar mas nós achamos sempre interessante eles terem iniciativas, que vão buscar os materiais, que se levantem, que sejam autônomos e às vezes no primeiro ciclo não é isso que é valorizado e portanto as crianças também têm que perceber como é que funcionam de acordo com os diferentes contextos. Depois temos também que treinar uma coisa que é a capacidade de lidar com a frustração porque isso é fundamental para controlar a indisciplina, não pode ser tudo como nós queremos, portanto no pré-escolar também à que ser exigente em termos de cumprir algumas regras para começar a dar essas ferramentas para lidar com a frustração, não é fazer tudo o que queremos é fazer o que podemos e nos tempos que são previstos no grupo não é? Também não sou apologista que na educação pré-escolar seja tudo à vontade porque isso não lhes está a dar as ferramentas necessárias para eles aprenderem a autocontrolar-se e a lidar com as regras mais formais que depois lhes são exigidas no primeiro ciclo, e portanto eu acho que a educação pré-escolar é fundamental mas que também à que mudar um bocadinho a educação formal para adequar mais a alguns comportamentos que podem ser mais motivadores para as crianças e até promotores de aprendizagem e isso nem sempre acontece.

Vanessa: De que tipo de regras é que estamos a falar?

Educadora C: Por exemplo, eu acho que há uma regra importante para ir desenvolvendo com as crianças ao longo do pré-escolar que é por exemplo o saber esperar para usar os materiais, o saber esperar pela sua vez de falar, o saber esperar para realizar determinada atividade que quer e isso acontece em muitos jardim-de-infância, às vezes há organizadores de grupo, mapas e isso tudo, eu quero ir para a casinha das bonecas, mas se calhar hoje eu não posso ir para a casinha das bonecas porque há outros meninos que querem ir, depois há aqueles instrumentos que podem ajudar as crianças a orientar-se no tempo e a saber, “eu agora não posso ir, mas sei que posso ir depois” e portanto a ideia da frustração, do resistir à frustração, eu naquele momento não posso fazer aquilo que eu desejo e que é positivo, mas que posso fazer noutra altura, o saber esperar, “eu sei que agora não posso falar, está outro colega a falar, mas eu sei que depois eu vou ser ouvido”. Portanto é preciso sempre dar a regra e o limite, mas sempre a esperança de que depois pode ser conseguido, isto com os comportamentos adequados, quando não são adequados, eu acho que é cortar logo e dizer: “não, desculpa, isto não é possível por isto, isto e isto, explicar” e se a criança é reincidente então também tem que perder alguns direitos que tem, ela tem deveres, mas também tem direitos, se não cumpre os deveres, que é às vezes em termos da indisciplina o saber estar de uma forma adequada tem que perder outros direitos e aí eu acho que é preciso ser muito firme e eles precisam de

adultos que lhes expliquem as coisas, mas que sejam firmes naquilo que é combinado enquanto forma de funcionamento.

Preparar as crianças para a questão da indisciplina eu acho que é dar-lhes esta autoestima interior e depois a capacidade de saberem que vão conseguir, se tiverem uma atitude adequada que vão conseguir chegar onde querem.

Vanessa: E na preparação para a escola, costuma fazer alguma coisa nesse sentido?

Educadora C: É assim eu acho que o jardim-de-infância tem valor em si próprio. Não vejo o jardim-de-infância muito como uma preparação só para a escola, acho que aquilo que é o jardim-de-infância em termos de atividades no seu global, por si só prepara para a escola, prepara os indivíduos, ajuda a crescer e de qualquer forma é uma etapa importante para as crianças. Elas quando chega a altura de ir para a escola começam a falar muito sobre isso e às vezes há algumas crianças que pedem algumas coisas que sabem que se calhar vai-lhes ser pedido na escola, o desejo de começar a conhecer letras, o desejo de começar a ler palavras, eles próprios às vezes brincam às escolas e eu acho que aí o educador pode ajudar a conversar com eles. Ajuda-los a pensar um bocadinho, a viver, a vivenciar essa preparação para a escola, mas é de uma forma, que não é fazer atividades de grafismos ou de fazer atividades que eles depois vão fazer na escola isso depois é depois, é mais de tentar conversar e estar com eles e viver com eles à volta das expectativas que eles têm e de criar boas expectativas relativamente às aprendizagens que irão fazer no futuro. Depois fora isso eu acho que o jardim-de-infância sem preparar para a escola acaba por ter uma influência positiva porque desenvolve as crianças em termos das suas capacidades de expressão, de representação, conhecimento do mundo, matemática, todas as áreas que desenvolvemos e portanto nesse aspeto as crianças quando chegam à escola já levam uma bagagem de aprendizagens que depois lhes facilita de uma forma muito grande, até o contacto com a escrita que eles fazem no jardim-de-infância sem ser ensinar o diretamente a ler e a escrever que é do primeiro ciclo, mas o contacto anterior é importantíssimo e os meninos que não passam no pré-escolar têm um bocadinho mais dificuldade relativamente a essas aprendizagens. Não é preparar no sentido de uma coisa assim muito formal, mas é de facto tudo o que acontece acaba por lhes dar bagagem para funcionar melhor no primeiro ciclo, na minha perspetiva.

Vanessa: Obrigada.

Anexo E

Entrevista à professora A

Professora de 1.º ciclo

Sexo: Feminino

Ano(s) de escolaridade: 2.º ano e 3.º ano

Anos de serviço: 15

Vanessa: O que é para si a indisciplina?

Professora A: Olhe, pois são os maus comportamentos dos meninos na escola que cada vez surgem com mais frequência.

Vanessa: Que fatores acha que se encontram na origem dessa indisciplina?

Professora A: Na minha opinião acho que parte um bocadinho de casa, falta de regras. Acho que é um bocadinho daí. Nós na escola tentamos dar sempre o nosso melhor, mas estão sempre a surgir problemas com os alunos.

Vanessa: Como atua e quais as estratégias que utiliza quando se depara com comportamentos de indisciplina?

Professora A: Pois, por vezes com conversas com os alunos, conversas sucessivas que muitas vezes já não resolvem e muitas vezes temos que aplicar alguns castigos. Não é? Pronto, e conversas com os encarregados de educação para eles também atuarem lá em casa, para nos ajudarem a superar esses problemas.

Vanessa: Que tipo de castigos? Ou o que é que entende por castigos?

Professora A: Olhe, muitas vezes ficam sem intervalo, outras vezes têm que escrever algumas vezes a frase para tentar superar o problema que surgiu na altura, dependendo do problema, outras vezes levam mais trabalho de casa do que o restante grupo. Mais ou menos isso.

Vanessa: Então acha que a prevenção passa muito pelo trabalho feito em casa pelos pais?

Professora A: Acho. Acho que sim. Acho que deve partir daí. Nos aqui tentamos, não é? Mas deve partir de casa principalmente.

Vanessa: Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal? Em que medida?

Professora A: Acho que sim. Acho que vem tudo do início e se os alunos, e nós notamos muito a diferença quando um aluno não frequentou o pré-escolar e aquele que frequentou, não é? Porque já está habituado a algumas regras e é diferente, quando nos chega aqui já tem um comportamento e uma atitude diferente de quando não esteve no pré-escolar, portanto acho que é fundamental a frequência no pré-escolar e parte tudo daí. Acho que é fundamental.

Vanessa: O que acha que os educadores de infância podem fazer com as suas crianças para diminuir os comportamentos de indisciplina na sala de aula ao nível do 1.º ciclo?

Professora A: Pois eu sei que os colegas tentam. Tentam também de alguma forma, eu acho que eles seguem um bocadinho as regras que nós seguimos, alguns castigos não é? Retirar por vezes aquilo que eles mais gostam, porque no pré-escolar ainda há muito os brinquedos e a brincadeira e penso que pronto, nós aqui como também somos núcleo e como também acompanhamos também um bocadinho o trabalho da colega do pré-escolar e sabemos que parte um bocadinho daí, quer dizer os castigos nós estamos um bocadinho limitados no castigo, mas no caso delas que têm muito a componente ainda da brincadeira, penso que elas vão muito por aí e retirar aquilo que eles mais gostam de fazer para tentar que eles melhorem, às vezes nem sempre resulta.

Vanessa: Obrigada

Anexo F

Entrevista à professora B

Professora de 1.º ciclo

Sexo: Feminino

Ano(s) de escolaridade: 1.º ano e 4.º ano

Anos de serviço: 12

Vanessa: O que é para si a indisciplina?

Professora B: São os maus comportamentos dos alunos, os sucessivos maus comportamentos dos alunos.

Vanessa: Maus comportamentos em que sentido?

Professora B: A nível de regras, o não respeitarem a regras, o não respeitarem os outros colegas, o não respeitarem os professores.

Vanessa: Que fatores acha que se encontram na sua origem?

Professora B: Em muitos casos é a família. São famílias que às vezes não são ditas normais, não é? E que, destabilizam um bocadinho a criança, e a criança começa-se a verificar isso na indisciplina que ela apresenta na escola, por isso para mim em muitos casos é a família.

Vanessa: Como atua e quais as estratégias que utiliza quando se depara com comportamentos de indisciplina?

Professora B: Com aquilo que nós chamamos de castigos, de não deixar a criança fazer aquilo que ela gosta de fazer. Com algumas conversas com as crianças e com os pais.

Vanessa: Na sua opinião o que pode ser feito para prevenir a indisciplina?

Professora B: É pá... Eu acho que o que deveria ser, ou o que deveria prevenir era realmente a escola e os pais conseguirem trabalhar nesse sentido, o que por vezes não acontece, porque nós estamos a querer que o aluno se comporte bem, quando isso realmente vem de casa, por vezes torna-se um bocadinho difícil.

Vanessa: Considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal? Em que medida?

Professora B: Pode. Pode porque as crianças frequentando mais cedo a escola, tendo mais cedo regras e sabendo as regras mais cedo, isso pode prevenir a indisciplina, porque é o contacto que tem mais com a escola, mais cedo.

Vanessa: O que acha que os educadores de infância podem fazer com as suas crianças para diminuir os comportamentos de indisciplina na sala de aula ao nível do 1.º ciclo?

Professora B: O que é que os educadores podem fazer? Começar exatamente pelas regras não é? O que é que se pode fazer e não pode e também talvez pelos de castigo quando se começam a portar mal se bem que são crianças ainda são muito pequeninas não é? Dos três aos seis, hum acho que é isso.

Vanessa: Obrigada

Anexo G

Entrevista à professora C

Professora de 1.º ciclo

Sexo: Feminino

Ano(s) de escolaridade: 2.º ano

Anos de serviço: 28

Vanessa: O que é para si a indisciplina?

Professora C: A indisciplina tem a ver com o comportamento e é quando os alunos não respeitam as regras como deviam. Não é? A indisciplina são os maus comportamentos, a falta de regras, portanto indisciplina tem a ver com o comportamento. O comportamento, o mau comportamento, não é? O não respeito pelas regras.

Vanessa: Que fatores acha que se encontram na sua origem?

Professora C: Então o que é que eu acho? Eu acho que tem a ver com a educação primeiro que tudo. Acho que pronto, são sempre miúdos que vêm de famílias em que os pais os deixam fazer tudo desde que eles nasceram, portanto são pais que não exercem a sua autoridade, que os deixam fazer tudo o que eles querem, acham tudo muito engraçado e depois os meninos chegam à escola e não respeitam regras, quer dizer não têm hábitos de trabalho, hábitos de estudo, não respeitam regras nem dentro da escola, nem fora da escola, nem em lado nenhum, porque eles estão habituados em casa a fazer o mesmo. E depois também é uma outra situação que acho que também é importante que é em relação ao jardim-de-infância porque no jardim-de-infância também acho que devia haver outro tipo de, como é que eu ei-de dizer, outro tipo de resposta dado pelas educadoras para que eles quando saem de lá saibam já comportar-se como deve de ser e muitos vieram para a escola, não sei se isso depois está mais aí para a frente a parte do jardim, é que é assim os meninos no jardim deviam fazer certos trabalhos que não fazem, deviam começar logo a respeitar regras, a ouvir, que é outra coisa que eles não, que vêm do jardim sem saber fazer, não sabem respeitar a vez de falar, não sabem ouvir uma história e depois no fim falar na sua vez, quer dizer há uma série de coisas que eles não trazem do jardim-de-infância

e são aquisições que deviam ser lá feitas e que não são. Eu acho cada vez mais e noto isso nos miúdos.

Vanessa: Então considera que uma boa preparação na educação pré-escolar pode atenuar os comportamentos de indisciplina na educação formal?

Professora C: Sem dúvida que o jardim-de-infância pode ajudar muito, mas neste momento não está a ajudar porque é assim, eu de cada turma que sai da escola e vem outra nova, portanto sempre que entram turmas novas, nós notamos e não sou só eu, nas minhas colegas é igual, notam que cada vez os miúdos são mais indisciplinados, mas a todos os níveis, respondem aos professores, recusam-se a fazer as coisas, não sabem ouvir, não sabem respeitar a vez de falar, não sabem ouvir uma história, portanto são coisas que e depois ainda outras coisas, não tem a ver com a indisciplina mas outras coisas que deviam lá fazer e não fazem, tipo para desenvolver a motricidade, fazer muitas pinturas, deviam fazer recortes, mas aí já não tem a ver com a indisciplina tem a ver com outros comportamentos que deviam ser mais trabalhados, portanto outras situações que deviam ser trabalhadas e nós notamos cada vez menos que são trabalhadas no jardim-de-infância. Agarrar num lápis, há aqui meninos que vêm do jardim-de-infância e não sabem agarrar num lápis, eu tenho aqui na minha sala. Não sabem agarrar num lápis, pronto e outros não sabem recortar e depois é assim é complicado, essas aquisições deviam vir já feitas do jardim, isso é que é importante, depois chegam aqui é fazer outro tio de trabalhos, mas pronto a indisciplina, a indisciplina tem a ver mais com essas situações de falta de exigência, é as pessoas não exigirem dos miúdos certos comportamentos e depois eles chegam aqui pensam que é igual não é? E aqui na escola como temos que cumprir programas não podemos estar a admitir certas coisas e aliás depois perde-se muito tempo para explicar aos miúdos que não devem fazer isto, não devem fazer aquilo. Explicamos sempre as regras e vocês estiveram cá, sabem, eles não respeitam porque não sabem o que é respeitar regras mas pronto isso é assim, primeiro vem da família sem dúvida e depois vem do jardim, também não foi trabalhado e depois cada vez nós nas escolas temos mais dificuldade em trabalhar com eles e cada vez mais porque são mesmo muito faladores, faladores, não conseguem trabalhar, uma coisa que eu noto aqui nestes miúdos e já estão no final do segundo ano quase, eles ainda hoje não sabem trabalhar em silêncio. Não estou a dizer trabalho de grupo, estou a dizer trabalho individual. Estão a trabalhar e estão a falar com o vizinho dali, com o vizinho dacolá, não se concentram minimamente, não conseguem, portanto isto é muito complicado e todas as professoras se estão a queixar do mesmo, cada vez nós notamos que o comportamento dos miúdos é pior.

Vanessa: Como atua e quais as estratégias que utiliza quando se depara com comportamentos de indisciplina?

Professora C: O que é que eu faço? É o alerta para respeitar as regras da sala de aula porque nós temos determinadas regras que são para cumprir e depois o que é que é? Levam castigos, ficam sem intervalo, ficam a acabar os trabalhos que por vezes não concluem por causa do mau comportamento que é a maior parte das vezes e é falar com os pais. Portanto, e é ali a grelha do comportamento, levam as bolas quando há indisciplina fica registado. Primeira coisa, fica registado ali, levam um aviso para casa a dizer que não respeitaram as regras da sala de aula e depois não concluem o trabalho ficam na sala no intervalo e pronto essencialmente é isso, é o que eu faço.

Vanessa: Obrigada.

Anexo H

Tabela de Unidades de Sentido

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | UNIDADES DE SENTIDO | UNIDADES DE SENTIDO | SUBJETOS |
|--|--|---|---------------------|----------|
| Definição de indisciplina | Incumprimento de regras | “não conseguir cumprir com as regras” (E.A) “não respeitam as regras” (P.B e P.C) “falta de aquisição de regras”...“é muito mais difícil que adquiram regras” (E.B) “não está em conformidade com as regras” (E.C) | 6 | 5 |
| | Comportamento inadequado | “maus comportamentos” (P.A e P.B) “sucessivos maus comportamentos” (P.B) “comportamento desadequado” (E.C) | 4 | 3 |
| | Desrespeito pelos outros | “não respeitam os outros colegas”...“não respeitam os professores” (P.B) “respondem aos professores”...“recusam-se a fazer as coisas”...“não sabem ouvir”...“não sabem respeitar a vez de falar”...“não sabem ouvir uma história.”(P.C) | 7 | 2 |
| | Caraterísticas das crianças | “irrequietude”...“não conseguem estar quietos”...“não conseguem ouvir” (E.B) “muito faladores”...“não conseguem trabalhar”...“não sabem trabalhar em silêncio”...“estão a falar com o vizinho dali, com o vizinho da colá”...“não se concentram” (P.C) | 8 | 2 |
| Fatores que originam indisciplina | Inexistência de indisciplina no jardim-de-infância | “indisciplina em crianças de jardim-de-infância não existe”...“não há indisciplina na educação pré-escolar”...“não tem situações de indisciplina”...“educação pré-escolar não é um quartel” (E.A) | 4 | 1 |
| | Fatores inerentes à criança | “crianças com temperamentos diferentes” (E.A) “aspetos temperamentais diferentes”(E.C) “fatores inerentes à própria crianças”...“irrequietude”(E.B) | 4 | 3 |
| | Práticas familiares | “a própria família”...“tornam-se condescendentes”(E.B) “os pais cedem muito”(E.C) “parte um bocadinho de casa”(P.A) “é a família” (P.B) | 6 | 5 |

| | | | | |
|---|---|--|---|---|
| | | “famílias em que os pais deixam fazer tudo”(P.C) | | |
| | Caraterísticas do profissional (professor/educador) | “falta de consistência por parte do adulto na transmissão dessas mesmas regras”...“falta de consistência que leva a que a criança não tenha o seu equilíbrio”(E.B.) “não tem paciência para ouvir”...“para atender os seus desejos”...“estar disponíveis”...“interações humanas”(E.C) | 6 | 2 |
| | Fatores externos | “ambientes que não são propícios”...“excesso de poluição sonora”...“não são afetuosos”...“securizantes”...“materiais muito estimulantes”...“não são muito facilitadores da disciplina”...“os ambientes físicos”...“os ambientes humanos” (E.C) | 8 | 1 |
| Indisciplina no jardim-de-infância (J.I) | Inexistência de indisciplina no J.I | “indisciplina em crianças de jardim-de-infância não existe”...“não há indisciplina na educação pré-escolar” (E.A) | 2 | 1 |
| | Existência de indisciplina no J.I | “sim”(E.B) “poder falar pode”(E.C) | 2 | 2 |
| Estratégias de prevenção da indisciplina | Regras | “as regras são definidas com o apoio da educadora”(E.A) “definir regras”(E.B) “explicamos sempre as regras”...“alerta para respeitar as regras”(P.C) | 4 | 3 |
| | Ser o exemplo | “ser o exemplo”(E.B) | 1 | 1 |
| | Conhecer cada criança e o grupo | “compreender e conhecer a criança”...“principais desejos”...“motivações”...“aspetos e horas do dia em que ela está mais indisciplinada”...“precisa de atividades para libertar essas emoções”(E.C) | 5 | 1 |
| | Adaptar situações | “adaptando a forma de lidar com cada uma das crianças e com o grupo”(E.A) “perceber como é que eu posso agir aqui e ali para que isto não aconteça”...“dar possibilidade de autocontrolo”...“prevenir”(E.C) | 4 | 2 |
| | Parceria com as famílias | “conversa com os encarregados de educação”(P.A) “a escola e os pais conseguirem trabalhar nesse sentido”(P.B) | 2 | 2 |
| Formas de agir perante a indisciplina | Definir regras em conjunto | “definir as regras de funcionamento”...“ser feito em grupo e com o grupo”(E.A) “definir regras com eles”...“regras criadas com estratégias de trabalho”(E.B) | 4 | 2 |
| | Perceber o que se está a passar com a criança | “o que é que não está bem com ela em termos físico?”...“está a ouvir bem?”...“dói-lhe alguma coisa?”...“algum tipo de pressão sobre ela?”...“(E.C) | 4 | 1 |
| | Questiona a sua própria ação | “será que eu estou paciente?”...“eu estou com capacidade?”...“as minhas atividades estão a ser interessantes?(E.C)” | 3 | 1 |
| | Castigos | “ficam sem intervalo”...“escrever algumas vezes a frase”(P.A) “castigos”...“não deixar a criança fazer aquilo que ela gosta”(P.B) | 8 | 3 |

| | | | | |
|--|--|--|---|---|
| | | “levam castigos”...”ficam sem intervalo”...”ficam na sala no intervalo”...”grelha do comportamento, levam bolas”(P.C) | | |
| | Trabalhos | “mais trabalhos de casa”(P.A) ”ficam a acabar os trabalhos”(P.C) | 2 | 2 |
| | Conversas | “conversas com as crianças”...”com os pais”(P.B) “falar com os pais”(P.C) | 3 | 2 |
| A educação pré-escolar como prevenção dos comportamentos de indisciplina no 1.º ciclo | Sim, previne os comportamentos de indisciplina | “tenho a certeza”(E.A) “acho que sim”...”não na base do medo”(E.B) “acho que sim”(P.A) “sim”(E.C) “pode”(P.C) “pode ajudar muito”(P.C) | 7 | 6 |
| | Ajuda na aquisição de regras | “estabelecer regras comportamentais”...”hábitos de saber estar com os outros”(E.A) “importância que é eles estarem sentados”...”ouvir o amigo”(E.B) “já está habituado a algumas regras”(P.A) “mais cedo regras”...”sabendo as regras mais cedo”(P.B) | 7 | 4 |
| | Promove comportamentos de cortesia | “pedir desculpa”...”se faz favor”(E.B) | 2 | 1 |
| Atitudes dos educadores para diminuir os comportamentos de indisciplina no 1.º ciclo | Trabalhar os comportamentos | “bater à porta”...”dizer obrigado”...”se faz favor”(E.B) “aprenderem a autocontrolar-se”...”lidar com regras mais formais”...”saber esperar para usar os materiais”...”pela sua vez de falar”(E.C) “ouvir”(P.C) | 8 | 3 |
| | Aplicas castigos | “alguns castigos”...”retirar aquilo que eles mais gostam”...”retirar aquilo que eles mais gostam”(P.A) “polos de castigo”(P.B) | 4 | 2 |
| | Regras | “regras”(P.B) “respeitar regras”(P.C) | 2 | 2 |

